

Larissa de Pinho Cavalcanti
Lidiane Ferraz Alves
Maria Elaine Pereira Mourato
Mirian Shirley Gomes da Silva
(Organizadoras)



Rodas de Leituras Nordesteiras



Larissa de Pinho Cavalcanti
Lidiane Ferraz Alves
Maria Elaine Pereira Mourato
Mirian Shirley Gomes da Silva
(Organizadoras)

RODAS DE LEITURAS NORDESTINAS

Serra Talhada
UFRPE-UAST
2021



**UNIVERSIDADE
FEDERAL RURAL
DE PERNAMBUCO**

Prof. Marcelo Brito Carneiro Leão
Reitor da UFRPE

Prof. Gabriel Rivas de Melo
Vice-Reitor

Edson Cordeiro do Nascimento
Diretor do Sistema de Bibliotecas da UFRPE

Antão Marcelo Freitas Athayde Cavalcanti
Diretor da Editora da UFRPE

José Abmael de Araújo
Coordenador Administrativo da Editora UFRPE

Josuel Pereira de Souza
Chefe de Produção gráfica da Editora Universitária da UFRPE

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Rodas de leituras nordestinas / organização
Larissa de Pinho Cavalcanti ... [et al.]. --
Serra Talhada, PE : Larissa de Pinho
Cavalcanti, 2021. --
(Projeto um olhar interdisciplinar sobre o cangaço)

Outros organizadores: Lidianne Ferraz Alves,
Maria Elaine Pereira Mourato, Mirian Shirley Gomes da
Silva.

Bibliografia
ISBN 978-65-00-35173-6

1. Cangaço na literatura 2. Leituras
3. Poesia brasileira I. Cavalcanti, Larissa de
Pinho. II. Alves, Lidianne Ferraz. III. Mourato,
Maria Elaine Pereira. IV. Silva, Mirian Shirley Gomes da.

21-90690

CDD-869.108

Índices para catálogo sistemático:

1. Cangaço : Poesia : Antologia : Literatura
brasileira 869.108

Aline Grazielle Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129

Museu do Cangaço de Serra Talhada
Universidade Federal Rural de Pernambuco
Unidade Acadêmica de Serra Talhada

Projeto Um Olhar Interdisciplinar sobre o Cangaço

RODAS DE LEITURAS NORDESTINAS



SUMÁRIO

UM OLHAR INTERDISCIPLINAR SOBRE O CANGAÇO	6
O NORDESTE, A LITERATURA E AS RODAS DE LEITURAS	9
POESIA NORDESTINA EM RODAS DE CONVERSA.....	12
RODAS DE LEITURAS DE PERNAMBUCO	21
RODAS DE LEITURAS DA PARAÍBA.....	30
RODAS DE LEITURAS DO CEARÁ.....	41
RODAS DE LEITURAS DE ALAGOAS	57
RODAS DE LEITURAS DE SERGIPE	69
RODAS DE LEITURAS DA BAHIA	82
RODAS DE LEITURAS DO RIO GRANDE DO NORTE.....	93
RODAS DE LEITURAS DO MARANHÃO.....	107
RODAS DE LEITURAS DO PIAUÍ.....	120
REFERÊNCIAS.....	132
AS ORGANIZADORAS	140

Apresentação

UM OLHAR INTERDISCIPLINAR SOBRE O CANGAÇO

O Projeto “Um olhar interdisciplinar sobre o Cangaço” mais do que um projeto acadêmico de Extensão Universitária, ou um projeto financiado pela Fundação de Amparo a Ciência e Tecnologia do Estado de Pernambuco – FACEPE para trazer promover a Ciência, a Tecnologia e Inovação nos Museus de Pernambuco, é um sonho que se fez realidade por muitas mãos, muitas mentes geniais, muitos profissionais dedicados e comprometidos com a Cultura, a Ciência e o Cangaço.

O conceito de olhar que ensejamos para esse projeto é ao mesmo tempo um olhar de “retorno-avanço” para as experiências de nossos antepassados, bem descrito pelo escrito irlandês Edmund Burke quando diz: “As pessoas não serão capazes de olhar para a posteridade, se não tiverem em consideração a experiência dos seus antepassados”. Retornamos à nossa identidade, às nossas raízes, às nossas experiências primeiras, que fazem parte da formação do que somos, mas vai mais além: do que queremos ser. Esse olhar para o retrovisor, para o passado, traz avanços quando nos garante experiências com erros, acertos, contradições e sentimentos de experiências já vividas no sentido de vislumbrarmos um futuro mais cheio de boniteza, liberdade e capacidade criadora.

Um olhar também comunica mil palavras... Todos nós somos capazes de dizer coisas com um olhar, sem precisar falar. Um olhar, gentilmente e/ou forçosamente, faz o interlocutor buscar a compreensão e a interpretação. Quando empregnados de intimidade, dois ou mais interlocutores podem ter conversas longas por meio de olhares, lançando mão das palavras que naquele momento não fazem sentido. Neste projeto, queremos mostrar às pessoas os nossos olhares, queremos que elas sintam-se convidadas a compreender e interpretar a Ciência, a Cultura, o Cangaço e a Cultura sertaneja com a intimidade de quem não precisa externalizar as ideias com palavras.

A escolha pela Interdisciplinaridade, para nós, sempre foi um caminho inevitável e necessário para mostrarmos nosso olhar, uma vez que não acreditamos que as coisas do mundo - toda ideia, todo comportamento, todo problema, toda resposta - possam ser dados ou interpretados apenas com olhar enviesado de uma única disciplina.

Em um mundo onde quase tudo pode ser “quebrado” em vários pedaços, estudado com exaustão e superespecialidades, sempre foi nosso interesse subverter essa lógica, e juntar as coisas, compartilhando-as com integralidade e unidade de sentido. Reconhecemos que ‘partir’ pode nos ajudar de alguma forma a entender a parte de um objeto e/ou fenômeno, mas o seu conhecimento real só se dá por meio da junção de suas partes, do intercâmbio e reciprocidade de ideias e saberes sobre ele.

Os museus são lugares de memória, nos quais conseguimos relembrar nossas matrizes, ter acesso a referências que foram e a ainda são nossas, e a acompanhar com outros olhares experiências alheias e pertencentes a nós. Os museus são lugares de cultura, neles estão detalhadas as vivências, os lazeres, os comportamentos, as linguagens e tudo aquilo que faz de nós o que nós somos. Mas além disso, os museus são espaços de afetos, onde há o despertar de emoções e sentimentos, positivos ou negativos.

O museu do Cangaço também é um espaço de ensino e aprendizagem interdisciplinar por natureza. Nele, é possível interagir com o seus acervos, senti-los, apreciá-los, questioná-los e também valorizá-los. Ali estão presentes vários objetos - imagens, documentos, objetos e utensílios - com as mais diferentes linguagens, de uma ou várias épocas, mas que sempre contam fatos e histórias e sempre trazem novidades sobre nós mesmos, sobre nosso passado e sobre nosso futuro.

O pesquisador Le Goff diz que os museus têm a missão de fazer a salvaguarda da nossa memória, que por sua vez é o fundamento para a nossa história. História e memória constroem-se e reconstróem-se num processo de autorregulação e circularidade; e essa relação mútua serve-nos para salvar o passado e servir ao presente e ao futuro.

Esse projeto busca expandir ainda mais as atividades didáticas, científicas e culturais já realizadas pelo Museu do Cangaço em Serra Talhada - PE, o maior do gênero do Brasil, esteando-o como uma instituição necessária de preservação da memória do Cangaço com a ajuda e trabalho vindos de parcerias com instituições sociais e educativas, como a Universidade Federal de Pernambuco (Unidade Acadêmica de Serra Talhada – UAST), a Universidade de Pernambuco, a Universidade Federal de Pernambuco, a Rede Estadual de Educação (SEDUC-PE), entre outras.

Incentivamos a realização de eventos científicos e culturais, conferências, mostras de cinema, cine-debates, festivais de vídeos produzidos pelas comunidades, leituras, contação de histórias, exposições

temporárias, permanentes e itinerantes, além de projetos específicos.

A atividade das Rodas Literárias Nordestinas é uma dessas ações interdisciplinares do projeto, que fizeram os participantes viajarem não somente pela Literatura dos nove Estados do Nordeste, mas também pela história de vida dos autores e de seu povo, seus contextos socioeconômicos, seus amores, seus sabores. Uma viagem que navegou na estrada das letras, e o ponto de parada foi o nosso ser, que parafraseando o poeta e ensaísta Jorge Luis Borges é um “museu de quimeras com formas inconstantes, esse montão de espelhos quebrados”, o nosso baú de memórias e afetos.

Prof. Dr. Thiago Araújo da Silveira
Coordenador do Projeto “Um olhar interdisciplinar sobre o Cangaço”
Professor Adjunto da UFRPE – UAST

Testemunhos

O NORDESTE, A LITERATURA E AS RODAS DE LEITURAS

As Rodas de Leituras Nordestinas foram organizadas por uma equipe composta totalmente por mulheres nordestinas que, de mãos dadas, apresentam em nova forma, pela presente cartilha composta por obras literárias nordestinas, parte do vivenciado entre fevereiro e julho de 2021. O que foi realizado nas Rodas e o que se vê aqui moldou-se entre pesquisas sobre estratégias de leitura compartilhada, reuniões para planejar a melhor abordagem e a seleção de belos textos e parcerias.

A elaboração e a execução do projeto “Rodas de Leituras Nordestinas” foram enredadas por aprendizados e vivências literárias buscando agregar valores à leitura da literatura nordestina. Durante o projeto, passeamos pela arte literária de cada um dos nove estados do nordeste, da popular à clássica, e fomos por elas encantadas. Iniciamos nosso percurso em Pernambuco e tivemos como destino final o Piauí. Em cada estado, buscamos dar voz a autores populares e à arte literária de autoria feminina – por entendermos que sua visibilidade não faz jus à beleza de suas obras – para preservar a singularidade de cada estado na literatura.

Nas Rodas, conhecemos a luta e a resistência de cada estado para manterem as cores da poesia local em um mundo globalizado e industrializado que faz surgir uma valorização do igual, esquecendo que a diversidade torna cada canto desse país original.

Nesse contexto, a literatura popular apresenta situações ou expressões que se perdem no cenário de produção massificada, não sendo contempladas a identidade e a alteridade específicas de cada povo e grupo social. Vimos, então, a poesia anunciar e denunciar a realidade histórica, cultural e social do Nordeste.

Foi assim que reafirmamos a admiração por nossa terra e suas diferenças, bem como vivenciamos a literatura como caminho para/de luta de nosso povo a partir do engajamento social da literatura alagoana de Anilda Leão, sergipana de João Sapateiro, maranhense, na voz de Maria Firmina dos Reis, potiguara, com Graça Graúna, para citar alguns autores. Nesses estados, entramos em contato com uma literatura construída na e para luta contra as injustiças sociais, raciais e feministas, a qual se destacaria na história e abriria caminho para que mulheres, pessoas

negras, pessoas que conquistassem o direito e a liberdade para ocupar espaços na sociedade brasileira.

Em uma realidade (pandêmica) totalmente diversa da qual gostaríamos de desenvolver as rodas de leituras, fomos motivadas a inovar, aliando-nos aos ambientes virtuais, para desenvolver a tarefa de envolver nosso público, desde o compartilhamento das divulgações e informações, da curadoria e da confecção do material para leitura até os encontros durante as Rodas De Leituras Nordestinas.

Partindo de teorias sobre leituras compartilhadas e rodas de leitura em uma realidade presencial, fomos mergulhadas em um mundo totalmente virtual, para o qual reinventamos e adequamos nossa prática sem comprometer o andamento do projeto.

Para isso, contamos com um público diversificado: pelo caminho, nos unimos a poetas e a estudiosos da literatura que enriqueceram as Rodas de Leituras, nos apresentando um mundo literário metodológico e cheio de desafios, desde o processo de criação, entre versos e rimas, à realidade que rodeia os poetas e a invisibilidade de sua arte.

O desenvolvimento das rodas de leitura virtuais, portanto, nos proporcionou um trabalho que transcendeu os limites geográficos pernambucanos, com participantes de vários lugares. Para além disso, nosso repertório de leituras se ampliou para outras semioses e envolveu vídeos de performances, declamações e testemunhos.

As Rodas de Leituras Nordestinas tiveram como intuito valorizar e divulgar as produções literárias e o contexto de produção de cada estado nordestino, assim como, viabilizar a valorização e divulgação de autores e autoras populares nordestinos.

Diante disso, os resultados nos foram satisfatórios, principalmente porque, na fase de execução do projeto, pudemos contar com o envolvimento e o compromisso das pessoas nas discussões sobre cada leitura, cujas impressões distintas criavam significado coletivo a partir do universo de significação de cada indivíduo.

O modelo de roda que organizamos e vivenciamos proporcionou o entendimento de uma regionalidade que só pode ser vivenciada pela experiência da linguagem. Buscamos resgatar aquilo que nos faz tão singular e lançamos um olhar ainda mais aguçado e embasado sobre as produções nordestinas, de forma crítica, expandimos o universo linguístico e podemos até dizer que suscitamos um sentimento de pertencimento coletivo.

O projeto reafirma o valor da literatura popular pelo enaltecimento das diversas culturas que compõem o Nordeste, pela circulação de diversos gêneros literários e pelas discussões sociais que enriqueceram os encontros.

Profa Dra Larissa de Pinho Cavalcanti – docente da UFRPE-UAST

Lidiane Ferraz Alves – discente da UFRPE-UAST

Maria Elaine Pereira Mourato – discente da UFRPE-UAST

Mirian Shirley Gomes Silva – discente da UFRPE-UAST

30/10/2021

Prefácio

POESIA NORDESTINA EM RODAS DE CONVERSA

A roda faz parte da vida humana desde sempre, na Grécia antiga, as danças circulares já mostram isso. O círculo é algo que está em toda parte e se apresenta de várias formas e sentidos. Em um círculo não há início nem fim, pode ser formado por pessoas de mãos dadas, nesse contexto, uma das maiores representações do fenômeno (arredondamento, contorno) é a perspectiva democrática uma vez que numa dança de roda, por exemplo, qualquer um pode entrar ou sair sem prejudicar quem está ao lado. Não há direção certa, pode girar para esquerda ou direita, pode se apequenar, engrandecer já que podem entrar e sair quantas pessoas quiserem. Em cirandas ou brincadeiras de roda não tem restrições de idade, cor ou meio social, acolhe a todos por igual. Um exemplo da percepção igualitária da roda é a tábula em que se reuniam o rei Arthur e os guerreiros. Reza a lenda que fora feita dessa forma para que não tivesse cabeceira e assim, representasse a igualdade de todos os seus membros.

Toda essa conversa introdutória é para salientar o título do projeto Rodas de Leituras nordestinas que foi pensado com intuito de visitar, expressões literárias, de todos os estados nordestinos, conhecer pelo menos alguns de seus representantes na literatura, de forma que fossem vistos textos que pudessem ser plurívocos em vozes e estilos tanto quanto possível ao tempo do projeto.

Isso posto, muito me apraz o convite para prefaciá-la esta miscelânea, não só por ser um projeto que envolve diretamente a literatura, mas também, por se tratar de uma ação, que contém em seus próprios termos, benefícios mútuos numa profusão de conhecimento literário e cultural da região Nordeste pelo público em geral e especialmente pelos estudantes de Letras.

Trata-se não só de uma miscelânea de textos que foram vistos, discutidos, apreciados, mas, principalmente, de obras que foram compartilhadas com os respectivos autores que não se furtaram em contribuir com essa viagem cultural pelo Nordeste do Brasil. Dessa forma, foi possível observar obras de artistas já conhecidos como, também, apreciar e incorporar ao processo de conhecimento, obras ainda pouco vistas no país. Ao entrar em contato com os textos aqui elencados o leitor terá, de certo, um deleite literário dentro de um emaranhado de cantos e contos, afetados por uma variada gama de sensibilidades que pontuam situações, indagações

existenciais que circundam o nosso dia a dia. Os autores e autoras nos remetem a um amalgama de pensamentos e modulações poéticas e prosaicas que nos levam a uma teia de sentimentos e sentidos do Eu para com o Eu e do Eu para com o mundo.

A nossa viagem aqui ocorre tal qual o circuito das rodas. Desse modo, a primeira parada é em Pernambuco com Cícero Ângelo, poeta de bancada, residente em Flores, no sertão do Pajeú que nos apresentou um arcabouço sertanejo, entre os poetas, encontramos Dedé Monteiro e o poema “Dupla estiagem”. Alguns elementos presentes na poesia do Nordeste brasileiro são a fé, a condição de vida do sertanejo e a fuga do espaço vivido, na esperança de melhorar de vida. Nesse caso, o poema de Monteiro é uma descrição do sertão quando atingido pela seca em anos consecutivos. O eu poético expressa cenas e sentimentos de indivíduos que vagam como zumbis por causa da fome e pelo sentimento de pesar por ter que deixar seu lugar. É notável o mecanismo concebido para produzir efeitos capazes de desfazer a automatização perceptiva, dando sentido a imagens sobre as quais, semanticamente, fazemos um juízo de valor.

Nesse espaço, também encontramos Vinícius Gregório e o poema “Eu E O Galo de Campina”, um soneto em que o eu poético compara sua sina com a do pássaro. Este, preso na gaiola, canta tristemente sua solidão, enquanto o eu poético, “preso” num apartamento sofre de saudade do sertão. Comungando com o sentimento de afinidade em relação ao espaço vivido, o poeta Andrade Lima nos brinda com o poema “Pajeú, Terra Mãe, Sublime e Promissora” no qual enaltece, não só a terra natal, mas também a cultura, a poesia e os artistas da terra. Mostra o valor da poesia para o conhecimento das novas gerações e a importância da continuidade da valorização dessa arte.

Nos encantos dos cantos pernambucanos encontra-se Francisca Araújo, que começou sua vida poética ainda muito jovem, na cidade de Iguaracy. Entre os poemas, citamos “Madrugada” tendo esse aspecto noturno como protagonista. O eu poético vai idealizando e mimetizando fatos presenciados pela madrugada ao tempo em que mostra, também, o que ela leva os transeuntes ou mesmo aos que descansam sob o refúgio de seus lares a idealizar em horas de silêncio e escuridão: “Hora aflita das noites intranquilas/ Corredores de sonhos formam filas[...]. Nos sonetos apresentados, Francisca mostra temáticas ancoradas na solidão, no conflito existencial e no saudosismo. Ainda na seara pernambucana, Bartyra Soares é um nome importante. Dona de estilo bem ritmado, prefere poemas curtos

nos quais parece brincar com as palavras. O poema “Pequena Cantiga De Verão” ratifica a observação, são versos que se desvelam em cores e sentidos para dar vida a uma canção.

No Estado da Paraíba, soma-se aos textos já aludidos um arcabouço literário de poesia e prosa. Começando com Socorro Almeida, professora por profissão que, segundo ela, ousa fazer alguns versos de vez em quando. Além do poema “Autônomo coração” em que coloca a força do sentimento que teima em resistir, ela nos apresenta o poema “Puxinanã outra canção do exílio” que, como o próprio título fomenta, é uma das inúmeras versões do poema de Gonçalves Dias. O eu poético mostra um saudosismo pelo lugar de memória. O poema traz uma estilização própria que alude o cotidiano e, ao mesmo tempo, presentifica os costumes do lugar, intimissimamente ligados aos rincões nordestinos.

Está presente na roda, o poeta Jessier Quirino com seu estilo incomum, brincalhão e exuberante. É de Campina Grande, mas mora em Itabaiana - PB já há bastante tempo. O poeta se diz “arquiteto por profissão, matuto por convicção e poeta por vocação”. Algumas das características de sua criação são os neologismos, a espontaneidade do discurso que abusa dos dialetos, o humor e a crítica ferrenha aos aspectos político-sociais. Jessier traz o contexto matuto nordestino de modo que traços culturais, linguísticos e factuais vão dando vida aos textos. No poema “Quatro Ave-Maria bem cheia de graça” traz muito da identidade nordestina e mostra a perspectiva do catolicismo popular e os muitos embaraços pelos quais passam os nordestinos. O eu poético parece traduzir sentimentos do matuto em cada momento daqueles descritos no poema, daí o rogo a Nossa Senhora para protegê-los dessas barrochas cotidianas.

Na roda Paraibana não poderia faltar Leandro Gomes de Barros, pioneiro na produção dos folhetos de cordel no Brasil. Leandro diz com muita graça como seria seu diálogo com o Divino no poema “Se eu conversasse com Deus”. Como é do estilo do poeta, um olhar crítico ao contexto social e ele apresenta as perguntas que faria a Deus para questionar a desigualdade social. Entra na roda, também, o haicaísta Saulo Mendonça. Com uma temática tropical, o poeta é, hoje, um dos maiores representantes desse estilo poético no Brasil: “Concerto de inverno/ Chuva no telhado/ Sapos assobiando”. Vemos no poema a harmonia da natureza que parece orquestrar um som ritmado como mostra o eu poético. O barulho dos pingos da chuva no telhado remete ao som de percussão enquanto o assobio dos sapos complementa o lirismo da música. O poema fomenta a sinestesia pelo caráter

particular e imagético que o eu poético dá aos sons próprios de períodos invernosos.

Nesta roda, na costa nordestina, se encontra Dora Limeira, contista que fundou o clube do conto da Paraíba, além de ter sido militante nas reivindicações por direitos docentes e presidiu o Magistério Público do Estado da Paraíba (AMPEP). O conto “Uma vela acesa” mostra exemplo do cotidiano de várias mulheres, alude à solidão e mostra na imagem de uma vela que se apaga, que o sentimento pode ter fim, a espera pode ter fim, afinal a mulher consegue ser feliz sozinha. Assim, a cera quente da vela pode simbolizar o gozo feminino além de fomentar a ideia de que a espera pode acabar ali. A esperança se apaga junto com a vela e a mulher percebe que pode ser feliz mesmo assim. Finaliza-se a o círculo paraibano, com a brejeira Janaína Azevedo, também contista. Em “As mulheres da quadrilha”, ela faz uma releitura dos poemas de João Cabral de Melo Neto e de Carlos Drummond de Andrade, dando voz às mulheres silenciadas nos poemas dos citados autores.

Saindo da Paraíba, entramos na terra dos Cariris do Ceará. O primeiro a entrar na roda é Patativa do Assaré, que nos brinda com poema “O que mais dói”. Como é do estilo do poeta, seu olhar crítico se espalha em poesia e no aludido texto não é diferente. O eu poético vai dando exemplos de fatos e ações que podem provocar a dor do outro por falta de empatia e finaliza com a perspectiva política em um país que parece não aprender a votar, porque os eleitos para governar são homens maus. Esse fato, entre as dores do eu poético, parece ser o que mais incomoda.

Outro texto a ser observado é “A defunta no céu”, de Abílio Martins, Repentista e poeta, que tem como marca o humor sarcástico. O poema mostra que mesmo no céu a mulher ainda é cobiçada. No caso, São Pedro, considerado no imaginário social como o chefe do céu, é colocado sob suspeita ao interrogar a recém-chegada uma vez que o eu poético expressa a malícia do guardião do céu em relação à mulher. Entra no círculo Otacílio Azevedo, desenhista, pintor e poeta, membro da Academia Cearense de Letras e fundador da Sociedade Brasileira dos Amigos da Astronomia. No poema “Última página” revela-se um eu poético que padece a perda de um grande amor. Há desilusão e aceitação do sofrimento. Nota-se uma sequência de metáforas e uma linguagem formal em versos decassílabos para expressar a descrença no amor. Nesse redondel cearense também está Ana Miranda, considerada uma das grandes romancistas brasileiras. Ela tem predileção pelo romance histórico, o primeiro foi “Boca do Inferno” com o qual ganhou

o prêmio Jabuti 1989. Outros dois grandes romances da autora são “Desmundo” e “O retrato do rei”. Ana também escreve para o público infantojuvenil e tem algumas histórias cujas protagonistas são indígenas como é o caso de “Yuxin” (2009) e “Menina Japinim” (2015). No texto apreciado, a autora fala dos dialetos cearenses, enfatiza a riqueza linguística e mostra vários termos usados no Ceará bem como alguns modos de expressão que se diferem de outros estados do Nordeste.

Não poderia faltar no circuito cearense o poeta que ganhou a simpatia do povo brasileiro, Bráulio Bessa. Entre os poemas postos, está “Saudade de quem se foi”. É importante ressaltar que a saudade é um tema bastante presente na poesia em qualquer tempo, lugar ou estilo. Cada autor, a sua maneira, tenta traduzir esse sentimento dolente e controverso. Ainda em terras cearenses, entra na roda a Diva Raquel de Queiroz, romancista, contista e cronista. Escreveu peças de teatro e obras para o público infantil. Tem várias obras adaptadas para televisão, foi a primeira mulher a entrar na Academia Brasileira de Letras. Aqui, a autora nos brinda com a crônica “Não Aconselho Envelhecer” de (1995), com temática existencialista, o texto afirma que a velhice não está no tempo que passa nem naquilo que o espelho mostra, mas no estado de alma de cada um, pois a passagem do tempo é implacável e igualitária, portanto, cabe a cada um aproveitá-lo da melhor forma possível.

No Ceará também circula o ilustre Abraão Batista, poeta e xilógrafo com uma vasta obra nas duas esferas artísticas. É dele o poema “O clamor do meio ambiente” no qual faz uma crítica ferrenha às atitudes do humano com relação ao meio ambiente em uma escala planetária. O poeta vai enumerando fatos, usos, ações e destaca, principalmente, a traição do humano com todos os outros seres vulneráveis à nocividade da ganância antrópica. Entra nesse círculo, Jarid Arraes, que escreve cordéis e outras formas de poemas e, também, faz obras para o público infantil, a exemplo de “A menina que queria ser princesa”. No giradouro, entre outros textos, pode-se observar “Oráculo”. Com um estilo factual, mostra o sombrio da alma da mulher, especialmente a mulher negra, provocado por uma cultura patriarcal que perdura até hoje. No poema, nota-se que a mulher ao devorar o cervo, é uma visão de futuro que parece simbolizar o empoderamento da figura feminina em face ao masculino. Assim, essa mulher traz a força de representação de todas as outras.

Entramos, para fazer um arroteio de expiação, no Estado de Alagoas com textos selecionados pela professora Dra. Valquíria Moura (UFRPE).

Começando pelos poetas Ana Paula Costa e Almir Teixeira do Nascimento. Com dois poemas cuja temática é o enaltecimento do Estado, dos escritores e de outras personalidades que dele nasceram. Acrescendo essa lista, Lêdo Ivo romancista, contista, cronista, ensaísta e jornalista brasileiro, com uma marca mais existencialista, o poema “A Eternidade prometida” questiona Deus sobre esse fenômeno que acompanha o imaginário da humanidade durante a vida de cada um. Ainda nesse contexto, Jorge de Lima chega com uma belíssima metáfora da vida em forma de água e nos diz segredos, obviedades, adversidades e deleites que fazem parte dela. Carlos Moliterno entra na roda alagoana com alguns poemas, entre eles, “Enganos”, no qual mostra as ilusões da mocidade que são desmascaradas com o passar do tempo.

Ainda no arrodilhado alagoano, entra Anilda Leão, que foi jornalista colaboradora em diversos órgãos da imprensa alagoana, poeta e cronista. Entre os textos presentes está “O poema das horas mortas” em que expressa uma solidão que sucumbe a alma e o corpo, mas o eu poético parece buscar um alento na esperança de ainda poder sorrir. Nesse espaço encontraremos, também, Arriete Vilela, eleita para a Cadeira nº 6 da Academia Alagoana de Letras. Entre os inúmeros livros publicados estão: “Dos Destroços, o resgate”, “O Grande Baú, a infância”, “O Ócio dos Anjos Ignorados” e “Lãs ao Vento”. Dela, o poema Nº 4 mostra um eu poético que faz uma viagem em si mesmo, numa escavação de alma para ganhar forças e continuar a ‘luta’.

Entrando no círculo sergipano, encontramos Fausto Cardoso o qual foi advogado, poeta, filósofo e político brasileiro. No poema “Taças” ele traz as andanças da vida e os amores vindos e idos. Nessas reflexões há um certo saudosismo que parece não se findar. Em Sergipe também se encontra Mário Jorge que tinha uma obra ácida e subversiva. De estilo concretista, entre outros textos o poema “Paisagem urbana” mostra um contexto lúdico e brincante da cidade vista do alto. As palavras e os sons ganham movimentos nos versos do poeta. Sergipana é, também, Gizelda Moraes que apresenta o poema “O Homem e o Mundo”, colocando um contexto de contradições entre eles. Engrossando a lista sergipana, Núbia Nascimento Marques faz reflexões sobre o ofício de ser poeta no poema “Fé no ofício”. A autora mostra a força da palavra e diz que o poeta não deve se isentar das contradições do mundo além de vê-lo com olhar crítico sem que lhe falte palavras para isso.

Ainda na roda sergipana, entra o poema “Cântico Aos Laranjeirenses”, de João Sapateiro, que faz uma releitura da Canção do Exílio, em belíssimas sextilhas que descreve e enaltece um lugar de memória. Em Sergipe ainda

está Amaral Cavalcante, que atuou como um dos maiores agitadores culturais no movimento da “Contracultura” no estado. Nos brinda com vários textos, entre eles o poema “Voo interrompido” em que um eu poético parece agonizar por um sentimento de impotência que lhe aterra e impede de ir além. Na estrada sergipana encontra-se Ilma Fontes, Jornalista, cineasta, escritora, ativista cultural que ganhou vários prêmios com publicações em vários países. Entre os textos dela, chama-se atenção, talvez para o mais curto, mas com enorme profundidade: “Ele vai eu vinho”. São quatro palavras que dizem muito. O primeiro verso em que o ser amado vai e o segundo no qual a palavra ‘vinho’ diz de todo sentimento e ações desse eu poético que vai fazer o possível para não se importar ou realmente não se importa com esta ida.

Saímos de Sergipe e circulamos a Bahia de todos os “santos” para o deleite de textos selecionados pelo prof. Doutor Kleiton Pereira (UFRPE). Aparecem por aqui velhos conhecidos, entre eles Gregório de Matos e o poema “Cidade da Bahia” no qual ele faz uma crítica à máquina mercante que chegou para aviltar a riqueza das terras Brasis. Junto a Gregório, se encontra Castro Alves que mostra a sina do homem escravizado e o fim representado por uma cruz em meio a estrada. Observa que a liberdade do negro escravizado e o sono de descanso estão no leito da morte. Por aqui também se encontra João Ubaldo Ribeiro e suas crônicas bem-humoradas a exemplo de “A Raiz de Mandioca da Viúva Monção” em que o autor enaltece o contador de histórias, ocasião em que faz críticas aos maus mentirosos que, para ele, são os políticos. A Bahia também é terra de Livia Natália que diz ter no fazer poético uma missão efetiva. Livia canta a mulher de corpo e alma, sem meias palavras. Entre os textos da autora, “Sina” coloca em evidência o feminino de forma realista, sentida, revelada, sem segredos, sem tabus, sem excetos. Livia é toda ser e sentir.

Serpenteando o mundo literário, entramos no Rio Grande do Norte e a Professora Dra. Paula Santana (UFRPE) conduz a roda chamando Antônio Francisco, bacharel em História, xilógrafo, compositor e esportista. Um dos maiores poetas potiguares nos brinda com um belíssimo martelo agalopado intitulado “Um bairro chamado Lagoa do Mato” em que traz o lugar de memória com carinho e saudades. Nessa roda também se encontra Jorge Fernandes, com o poema “Té-Téu”. O cotidiano do pássaro e a onomatopeia que imprime o ritmo do poema enquanto imita o canto do pássaro em passeio noturno. Também encontramos Renato Caldas com o poema “Lagoa das moças” em que o eu poético, com muita graça e se valendo da sinestesia, diz que consegue sentir o cheiro das mulheres na água da lagoa. Nessa roda

contamos, ainda, com Zila Mamede e seu poema “Bois dormindo” que pela entonação e linguagem se assemelha a uma cantiga de ninar. Um poema lírico, bucólico, sereno e aconchegante. Nessa roda potiguar, encontramos a professora, escritora e pesquisadora dos direitos humanos, Graça Graúna, que chega para enriquecer nosso arcabouço literário com vários poemas de cantos afros e dores humanas. Chama atenção para a responsabilidade de ser e está aqui e não apenas de passar. De Graúna, cita-se “Dores d’África” para cantar, para lutar, para louvar os que se fizeram luta.

Chegamos ao Maranhão e encontramos Gonçalves Dias e “A canção do tamoio” que apresenta o herói de alma. O eu poético encena a história com valores de honra em afronta a uma nação que não a trouxe quando aqui chegou. Por aqui também nos recebe Maria Firmina dos reis. Entre os textos da autora, “Seu nome” traz dizeres de uma cantiga de amigo, revela uma saudade e a continuidade do amor por ênfase de um nome que marcou o coração. No círculo dessa roda não poderia faltar Aluizio de Azevedo que apresenta o conto “Músculos e nervos”. A história de um acrobata que cai do trapézio mostra o arroubo de pessoas ao verem o outro se pôr em perigo. A histeria feminina também é um tema que pode ser visto no conto numa perspectiva gótica. As pessoas, enlouquecidas, sentem um prazer perturbador que incomoda a protagonista que funde o prazer sádico e o espanto ao insólito e se joga ao corpo morto do jovem acrobata. Ainda por aqui, encontramos Ferreira Gullar e entre os textos de sua autoria, cita-se “Meu povo, meu poema” em cujos versos descreve a relação da sua poesia com o povo. O autor tem predileção pelos aspectos socioculturais com uma aguçada visão crítica para as desigualdades daí porque o povo está tão presente em sua arte, assim como sua poesia é bem recebida pelo povo brasileiro.

José Neres é outro poeta cuja obra também se encontra aludida nas leituras da roda. É poeta e professor brasileiro, membro da Academia Maranhense de Letras, na cadeira n.º 36 desde 2014. Entre suas obras estão os livros “Tábua de papel: estudos de literatura maranhense” e “Estratégias Para Matar Um Leitor”. Trazemos aqui a crônica “Incômodo silêncio” na qual o autor faz uma crítica a desvalorização dos artistas da terra, na opinião dele o ditado “santo de casa não faz milagres” serve muito bem à metáfora do que passam os artistas da terra.

Arrodeando pelo rio Parnaíba encontramos, no Piauí, Maria Isabel Gonçalves de Vilhena com o poema “A alma do sino”. Numa expressão cultural de alguns lugares, especialmente nos interiores, o sino da Igreja é o difusor das notícias de vida e morte. Assim, o eu poético busca no som do

sino, a percepção de alegria e tristeza. Continuando a roda, Da Costa e Silva nos brinda com o Hino do Piauí e enaltecimento da terra. Em ares piauienses Nerinha Castelo Branco nos dá “Dois poemas para depois” em que transcende o sentimento de está feliz ao lado de quem se ama. Nesta roda entra Mário Faustino que foi jornalista, tradutor, crítico literário e poeta. Aqui nos apresenta o poema “O mundo que venci deu-me um amor”, um poema ritmado em versos decassílabos e uma apologia à vida em que o amor deve estar acima de tudo. Por aqui ainda encontramos H. Dobal com seu olhar observador e poemas que descrevem vida, cor, alma, luz entre outros aspectos. No poema “BR 22” o eu poético descreve minuciosamente a vida, o cotidiano e faz verdadeiras pérolas alusivas ao contexto natural que encontra em seu trajeto.

Ainda no Piauí entra na roda Torquato Neto, autor de “Geleia geral”. No poema de mesmo nome consegue colocar a lindeza do Brasil, ou melhor, dos Brasis que se encontram por aqui. Luiza Catende também nos recebe por aqui e, entre os textos, nos oferece uma poesia de raiz, resistente como o próprio chão nordestino. O texto “Em um poema quase” está a indignação, a situação, a não ação ou ação maldita que se dá após corromper-se o homem que mata indivíduos. Ainda nos recebe Noé Filho, idealizador e coordenador da Geleia Total em retorno e homenagem à Geleia geral de Torquato Neto. No poema “O mofo” o autor mostra que o estado tem um imaginário social com preceitos ultrapassados “mofados”. Por aqui também vem até nós Ayra Dias, que descortina o contexto social, quebrando tabus e aludindo a uma realidade ainda negada. O texto “O libertar da corpa bixa travesti” mostra que cada um é como é e precisa de liberdade para existir como corpo, alma e Ser.

Prof^a. Dra. Maria do Socorro Pereira de Almeida
Professora Adjuntada UFRPE – UAST
17/10/2021

A stylized map of the state of Pernambuco, Brazil, rendered in a dark brown color. The map shows the state's outline and internal regional boundaries. It is centered on a solid orange background.

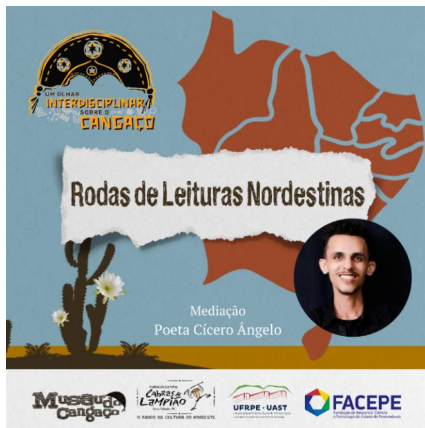
RODAS DE LEITURAS DE PERNAMBUCO

RODAS DE LEITURAS NORDESTINAS

LEITURAS PERNAMBUCANAS

Rodas de Leituras Pernambucanas
apresenta:

Cícero Ângelo



“Falar sobre a poesia popular é sempre gratificante para quem gosta da poesia, para quem é um apologista e para quem versa também nas horas vagas. É sempre importante falar sobre essa poesia que brota nessa região Nordeste e finca raízes e se desenvolve de maneira muito potencial aqui no nosso Sertão do Pajeú, nessas cidades que têm uma vastidão de poetas e de poesias”

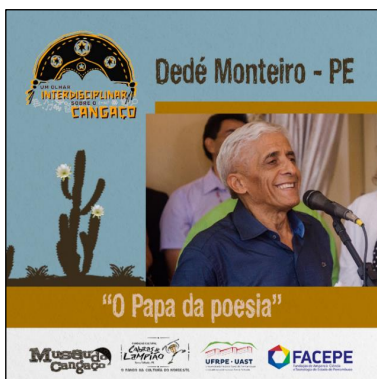
Poeta popular de bancada, declamador, graduado em Letras pela UFRPE-UAST, pesquisador das vozes poéticas do Pajeú.

RODAS DE LEITURAS NORDESTINAS

LEITURAS PERNAMBUCANAS

Rodas de Leituras Pernambucanas
apresenta:

Dedé Monteiro



Seu nome é José Rufino da Costa Neto. Mas todo mundo o conhece por Dedé Monteiro. Dedé nasceu no dia 13 de setembro de 1949, no sítio Barro Branco, no município de Tabira. Sua primeira poesia, aos 15 anos, foi feita numa gincana da escola que tinha a proposta de dar um presente para o Dia das Mães.

Ao longo da carreira publicou quatro livros autorais: Retalhos do Pajeú, em 1984; Mais um baú de retalhos, em 1995; Fim de feira, em 2006; e Meu quarto baú de rimas, em 2010.

A poesia

Explicar a poesia
Ninguém consegue explicar
É mais pesada que o chumbo,
É leve igualmente o ar...
É fina como cabelo,
É bela como luar!
Toca na alma da gente
Fazendo rir ou chorar
Faz a tristeza morrer
E o sonho ressucitar
A poesia é tão santa
Que, quando um poeta canta
Deus para para escutar!
E, pra terminar, meu hino,
A poesia seu menino,
Como tudo o que é divino
Não dá para a gente pegar...
Se eu pegasse a poesia,
Porta em porta sairia
Igual ao mendigo faz
Pedindo não, dando esmola
Tocando a minha viola
Cantando a canção da paz.

RODAS DE LEITURAS NORDESTINAS

LEITURAS PERNAMBUCANAS

A Tinta Branca Dos Anos (Dedé Monteiro)

Nunca pensei na velhice
Mas a danada chegou
O seu fantasma me disse
Que o tempo bom acabou
E mesmo tempo sisudo
Me despojando de tudo
Pra desmoronar os meus planos
E pra maior pesadelo
Jesus pintou meu cabelo
Com a tinta branca dos anos;

O tempo passa veloz
Nós nem pensamos em nós
O tempo passa veloz
Deixando tudo em desgraça
Nós nem pensamos em nós
Tão veloz o tempo passa
Eu bem maduro pensei
Depois que velho fiquei
Depois de mil desenganos
Já não represento nada
Tendo a cabeça pintada
Com a tinta branca dos anos;

Tudo na vida se acaba
A mocidade também
A juventude desaba
Quando a caduquice vem
Sinto que a morte me afronta
E que a consciência é contra
O meu tempo entre os humanos
Vejo meus dias contados
E meus cabelos pintados
Com a tinta branca dos anos;

A tinta que o tempo bota
Sobre a cabeça da gente
É duma que não desbota
Permanece eternamente
Tem gente que compra tinta
Mete na cabeça e pinta
Só pra causar enganos
Mas é besteira do povo
Depois sai cabelo novo
Com a tinta branca dos anos;

RODAS DE LEITURAS NORDESTINAS

LEITURAS PERNAMBUCANAS

**Pajeú, Terra Mãe, Sublime E Promissora
(Andrade Lima)**

Nossa mente virou calculadora
Na contagem dos vates versejantes.
Poetisas, Poetas e os amantes
São as luzes da terra redentora.

Nossa arte tem dom de professora
E nos toca com toques fascinantes.
Cada aluno faz jus a quem fez antes
Uma base sublime e promissora.

Dezessete cidades tem o mapa
E a cultura é destaque em toda capa,
Exibindo seu rol, suas conquistas...

Venha ser desse chão por mais de um dia!
Pajeú, tu tens tanta poesia,
Que só Deus tem a soma dos artistas

Glosa: Andrade Lima, 23/12/2020
Mote: Rogaciano Leite

Do mote sei seu autor,
Mas não puder conhecer
Em vida o brilhante ser,
Jornalista e escritor...
Oro e peço ao Criador
Que conceda o seu altar,
Pra "Roga" por nós rogar
E curar as nossas dores.
"Sou do Pajeú das flores
Tenho razão de cantar".

RODAS DE LEITURAS NORDESTINAS

LEITURAS PERNAMBUCANAS

Eu E O Galo-De –Campina
(Vinícius Gregório)

Triste sina de um Galo-de-Campina
Que era alegre bem antes da prisão,
Mas foi preso nas grades do alçapão
E hoje chora no canto a triste sina.

Eu também tive a sina repentina,
um dia fui livre e hoje não.
Na tristeza, esse Galo é meu irmão:
Minha sina da dele é copia fina.

Hoje a casa do Galo é a gaiola.
Notas tristes no canto é que ele sola.
A saudade do Galo - a vastidão.

O meu canto é um canto de lamento.
A gaiola é o meu apartamento.
E a saudade que eu sinto é do sertão.

HEREDITARIEDADE
(Vinícius Gregório)

Solidão desaparece
Quando alguém se faz presente,
A tristeza fica ausente
Quando alegria aparece,
A paz reina, vive e cresce
Quando morre a triste guerra.
No mundo tudo se encerra...
Mentira mata a verdade,
“Eu mato a dor da saudade
Voltando pra minha terra!”

RODAS DE LEITURAS NORDESTINAS

LEITURAS PERNAMBUCANAS

Rodas de Leituras Pernambucanas
apresenta:

Francisca Araújo



Noturna

Madrugada que paira na avenida,
Acendendo o farol do desatino,
Sois a dama que sai desprevenida
Pela escura calçada do destino...

Causadora de assombro repentino,
Na penumbra do beco sem saída,
Sois a rota cruel do peregrino
Que tropeça na sorte, alheio a vida...

Francisca Araújo é uma jovem poeta residente de uma comunidade rural no município de Iguaracy. Começou a compor em versos aos quatorze anos de idade com temáticas sertanejas e tem participado de várias mesas de glosas por todo o Sertão.

Hora aflita das noites intranquilas,
Corredores de sonhos formam filas
Pra sondar teu mistério que, é enorme!

Nas esquinas do medo sois vilã...
Eis que morres beijando o amanhã,
Cai o luto do céu e a lua dorme!

RODAS DE LEITURAS NORDESTINAS

LEITURAS PERNAMBUCANAS

Soneto De Recordação (Francisca Araújo)

Travesseiro de flor, lençol de areia...
E no palco da cama à beira mar,
Sob o teto de céu e a lua cheia,
Esse bardo, por fim, põe-se a cantar

Calma à musa que vem como sereia
Pelas águas de verso a lhe inspirar
E, na taça das ondas, quase meia,
Toma banho de espumas ao luar...

Com a fita dos braços, ele tece
Mil abraços, nos quais, ela adormece
No aconchego sem fim da noite
bela...

E já tendo findado toda a história,
Ele guarda no frasco da memória
O perfume de amor, do corpo dela!

Os versos que não declamei (Francisca Araújo)

Foi longo o engano e, instantes após
A dor já pulsava por cada refrão
Expondo rasuras da minha lusão,
No corpo dos versos que fiz sobre nós!

A lágrima na face fez curvas e então,
Por meio das ondas sonoras da voz,
Um canto sentido de amor, como foz,
Brotou das tristezas do meu coração

Se os seus sentimentos partiram intactos,
Os meus em pedaços, por tantos impactos,
Ficaram marcados por dores extremas

Mas como os poetas no fundo são fortes,
Passando pomada de rimas nos cortes,
As mágoas vão dando lugar aos poemas!

Descaso
(Bartyra Soares)

No instante preciso de cuidar de mim
eu me abandono quando poderia
dedilhar o silêncio da manhã
e dela recolher a serena
palpitação da luz.

Paradoxo
(Bartyra Soares)

Uma canção de desamparo
caminha furtiva pelas avenidas
que atravessam a noite
e deixa na minha insônia
a imprevista rota de um sonho.

Pequena Cantiga De Verão
(Bartyra Soares)

Se é azul o teu nome
que cor nomearia o meu?
Contemplo o passar dolente
de minhas aquarelas mortas
pelos espelhos e vidraças
que me adivinham a constatação.

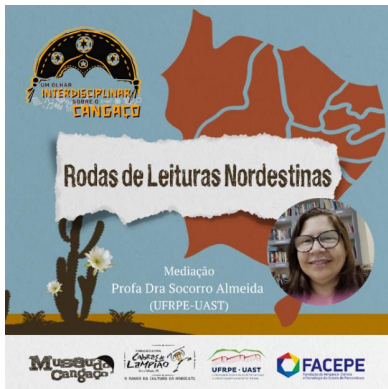
Não me cabe a responsabilidade
de não possuir um pincel.
Vou à janela e permito
que a cor de teu nome solfeje
na pauta de minha pele clara
a mais leve tatuagem de tua cantiga.

A stylized map of the state of Paraíba, Brazil, rendered in a dark brown color. The map shows the state's outline and internal regional boundaries. A small, dark brown rectangular area is highlighted on the eastern coast of the state.

**RODAS DE LEITURAS
DA PARAIBA**

Rodas de Leituras Paraibanas apresenta:

Socorro Almeida



Doutora em literatura e cultura pela UFPB. Professora adjunta II da Universidade Federal Rural de Pernambuco na UFRPE/UAST.

“A linguagem literária possui um universo próprio que próprio e oferece uma subjetividade que interage com outra subjetividade que entra em contato com o texto. É uma condição que sai do comum, do cotidiano e do imediatismo e justamente por isso que estimula a curiosidade de quem participa, o leitor. Dessa forma, o texto literário vai permitindo uma ampliação de horizontes e ao mesmo tempo aguça e desenvolve o senso crítico.”

Puxinanã outra canção do exílio
(Socorro Almeida, 2004)

Minha terra tem fruteiras!
E o progresso não importa
Som de casa de farinha...
Hummm! de cuscuz de mandioca.
As aves que lá gorjeiam
Comem o milho, não a pipoca.
Dela, lembro tarde e manhã...
Por isso eu hei de voltar ao lugar
Puxinanã.

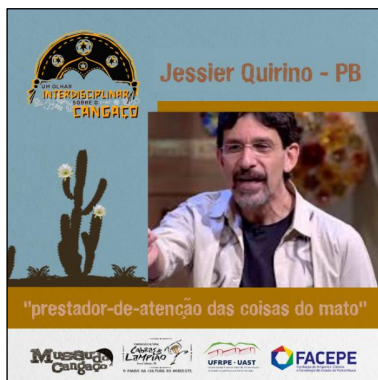
Minha terra tem jaqueira,
Manga, pitomba e cipó também tem
as palmeiras onde canta o curió.
Tem açude, tem lagoa
Que a seca torna pó.
Mesmo sem curimatã
Ainda hei de voltar ao lugar
Puxinanã.
Minha terra é bonita
Andorinha... arribaçã...
Vê-se até o sabiá
A cantar pela manhã
Crianças brincam de rodar sem medo
do amanhã.
Não permita Deus que eu morra
sem mais ver Puxinanã!

Ao cismar, sozinho à noite
Pouco prazer encontro eu cá
Não permita Deus que eu morra
sem que volte para lá.
Soltar pião, papagaio...
Sem ver o tempo passar.
Ouvir o apito do trem
Quando um amigo chegar.
Não permita
Deus que eu morra
Sem que volte para lá!
Minha terra tem vizinhos
Com mútua consideração,
tem a missa de domingo
E o povo em comunhão.
Tem calçada e muita prosa pra
depois da refeição.
Cajueiro... bananeira...
Tem até pé de romã,
Não permita Deus que eu morra
Sem mais ver Puxinanã!

Rodas de Leituras Paraibanas

apresenta:

Jessier Quirino



Argumento Dum Velho Sertanejo

Mode as modas de hoje em dia
Mode os modos de falar
Mode os amuo dos besta
Mode os presepe de lá
Mode estrupiço dos tempos
Mode eunão me amedronhar
Mode os pi-bite das rua
Mode as mutreta que há
Mode as falta de um bom-dia
Um boa noite, um olá
Mode assalto, mode tiro
Mode as fumaça do ar
Mode eu não ter desgosto
Ou mesmo me ressentir
Não se anime mode eu ir
Que eu não deixo esse lugar.

Nasceu em Campina Grande no estado da Paraíba, mas fixou residência na cidade de Itabaiana, onde logo encontraria na poesia outra forma de caminhar pela vida.

Poeta, compositor e intérprete brasileiro, faz uso do linguajar nordestino e expressa a rica cultura popular existente no sertão. Em 1998 lançou seu primeiro livro de poesias "Paisagem do Interior" e já publicou dois livros infantis - "Chapéu Mau e Lobinho Vermelho" e "Miudinha".

RODAS DE LEITURAS NORDESTINAS

LEITURAS PARAIBANAS

Quatro Ave-Maria bem cheia de graça (Jessier Quirino)

Rezo quatro ave-maria
Ao Glorioso São Gerome
Pra que nos livre da dor
Da agonia e da fome
Duma casa com goteira
Cacimba longe de casa
Dente de piranha preta
Dum teco-teco sem asa
Dum sem pensar no juízo
Dum teje preso ou cadeia!
De sofrer uma cambrinha
Bem cedo de manhãzinha
Por ter pisado sem meia.
Da tercerez desse mundo
De passagem só de ida
Ferroada de lacrau
Coice de besta parida
Nos livre da companhia
Dum cabra chato e pidão
Dum sujeito bexigoso
Sem figo e sem coração
Duma tosse igrejeira
Dum trupicão de ladeira
Duma laigada de mão

Nos livre da punição
Da saúde canigada
Pois a enxada na mão
É melhor que mão inchada
Nos livre duma dentada
Dum vira-lata ispritado
Picada de mangangá
Dum sordado macriado
Dum baque de rede pensa
De briga de má-querença
Dum jogo marradiado.
Nos livre dum nôro besta
Ou duma genra fregona
Que Zé meu abaixe o facho
Pro lado daquela dona
Nos livre duma visage
De alma braba e defunto...
Puxando agora de banda
Disgaviando o assunto
Nos livre daqui pra diante
Do roubo dos governante
Coisa que duvido muito.

RODAS DE LEITURAS NORDESTINAS

LEITURAS PARAIBANAS

Se Eu Conversasse Com Deus (Leandro Gomes de Barros)

Se eu conversasse com Deus
Iria lhe perguntar:
Por que é que sofremos tanto
Quando viemos pra cá?
Que dívida é essa
Que a gente tem que morrer pra pagar?

Perguntaria também
Como é que ele é feito
Que não dorme, que não come
E assim vive satisfeito.
Por que foi que ele não fez
A gente do mesmo jeito?

Por que existem uns felizes
E outros que sofrem tanto?
Nascemos do mesmo jeito,
Moramos no mesmo canto.
Quem foi temperar o choro
E acabou salgando o pranto?

Haicais (Saulo Mendonça)

Na casa do meu avô
O tempo era longo.
A noite chegava devagarinho.

Haicais (Saulo Mendonça)

Concerto de inverno: Chuva no
telhado
Sapos assobiando

Rodas de Leituras Paraibanas

apresenta:

Dôra Limeira

(1938 – 2015)



Maria das Dores Limeira Ferreira dos Santos, mais conhecida como Dôra Limeira, viveu boa parte da sua vida no bairro de Cruz das Armas em João Pessoa. Foi professora militante e, ao se aposentar do Departamento de História da UFPB, ingressou na literatura. Dôra fundou O Clube do Conto da Paraíba e, em sua vida literária, publicou: *Arquitetura de um abandono* (2003), *Orgasmos dos desvalidos* (2005), *O beijo de Deus* (2007), *Os Gemidos da rua* (2009), *Cancioneiro dos loucos* (2013) e *O afetuoso livro das cartas* (2015).

A Última Vela Acesa

Maquiou-se, perfumou-se, e postou-se, pensativa, a esperar. O tempo passou. Meia-noite. Meia noite e meia e Mário não veio. Chorando, ela se agasalhou e se contraiu dentro da própria camisola. Uma lágrima se encaixou na primeira ruga abaixo dos olhos. Antes de dormir, tocou-se, massageou seios, coxas e vulva. Contorceu-se, gemeu e foi feliz sozinha ali mesmo, no quarto. Na sala, a última vela se apagou. Sobre a mesa, a cera quente derreteu a toalha de plástico. Mário não deu notícias.

RODAS DE LEITURAS NORDESTINAS

LEITURAS PARAIBANAS

Arquitetura De Um Abandono (Dora Limeira)

Rua das Alamedas, no. 54 Pradaria Cidade Jardim/PB Cep 580004 – 51

Ali morava Elísia, desde que nascera. De família numerosa, Elísia era um rebento no meio dos dez irmãos. Nem dos mais novos. Nem dos mais velhos. Sendo do meio, passava despercebida de carinhos, afagos, atenções. Acostumou-se, assim, a pensar e fazer, brincar e sofrer, sozinha. Podia comer muito ou deixar de comer. Podia desaparecer dentro do banheiro por horas. Podia se perder em pensamentos. Podia desmaiar e até morrer. Engordara muito. O corpo fazia dobras. Divertia-se com feridas, que por sua vez criavam outras crostas. Ela cultivava esse ciclo. E criava outros ciclos com que brincar. Feridas e bonecas, cordéis e gibis, dedos e sexo feridos de menina gorda. Viciara-se ao abandono dentro de si. Tinha prazer das excrescências. Experimentava o gosto do catarro em todas as nuances. Conhecia o cheiro da urina nos seus detalhes. Distraía-se em sentir o pus escapando dos ouvidos, um odor de defunto passado do temo, os tímpanos estourados de pancadaria. Quem foi, Elísia? Quem fez isso com você, Elísia? Por que você deixou, Elísia? O sexo ferido se contraía, envergonhado, à mostra. Como foi isso, Elísia? Doutor verifique aqui essa menina! E o doutor a adentrava com os olhos: É encosto, é encosto, foi abuso. De volta para casa, nova pancadaria. Quem foi Elísia? Diga o nome. Por que você deixou? Diga o nome! Elísia emitia sons indefinidos, um rugido surdo e vago. Novos ciclos eram criados para a mesma brincar de madrugada, todos dormindo. Outras feridas, outras crostas, outro pus, outro catarro, outra enurese, mais bonecas e outros gibis. Capitão Marvel, me ajude. Batman sobrevoava a menina aflita. Elísia se entregava ao abandono, sem Batman e sem Capitão 108 Marvel. Um dia, ela se aprofundou tanto na impiedade do poço que não retornou mais. Elísia tem 56 anos e mora na Av. D. Pedro II, s/n, Hospital Psiquiátrico Juliano Moreira. Ela é uma dentre as numerosas pacientes do pavilhão 5, nem nas mais novas, nem das mais antigas. Do meio. Despercebida, é livre para se imaginar, pensar e brincar.

RODAS DE LEITURAS NORDESTINAS

LEITURAS PARAIBANAS

As Mulheres da Quadrilha (Janaína Azevedo)

Quadrilha

(Carlos Drummond de Andrade)

João amava Teresa que amava Raimundo
Que amava Maria que amava
Joaquim que amava Lili Que não amava ninguém.
João foi para os Estados Unidos,
Teresa para o convento,
Raimundo morreu de desastre,
Maria ficou para tia,
Joaquim suicidou-se e Lili casou-se com João Pinto
Fernandes
que não tinha entrado na história.

Para os três mal-amados de João Cabral de Melo Neto

Teresa:

Tenho a poucos centímetros de mim uma vasta possibilidade. Penso que poderia considerá-la, não fosse um outro mundo, vasto também, com rima, mas sem solução. João me ama, mas eu quero o mundo. À proporção que me afasto de João, o mundo se afasta de mim. O mundo quer outra mulher.

Maria:

Tenho um mundo de amor, todo meu. E poderia sair por aí cantando, pois o mundo vasto mundo de Raimundo é meu. Mas eu sou comum, pequena e o mundo me assusta um pouco: nasci pras rasas praias, e ele me oferece o oceano mais profundo. Tanta coisa nova que me assusta, como seu olho a desnudar meu corpo. Seu mundo é de chamas. E o meu mundo teria de ser apenas um pouco morno de vez em quando. E no meu morno desejo, eu o vi: Joaquim. E o via todas as tardes, com seus livros de poesia debaixo do braço, com aquele olhar vago que os poetas têm, e os santos. Por que penso em poetas e santos?

RODAS DE LEITURAS NORDESTINAS

LEITURAS PARAIBANAS

Lili:

Nunca pude compreender porque aquele homem ficava horas em silêncio, lá na praça, me olhando, e nunca se chegou a mim. Ou ficava como se me esperando, já às seis e meia da manhã, quando eu, saltitante seguia para o colégio. Com dezoito anos eu apenas queria aproveitar a minha irresponsável juventude. Levava a vida cantando, apenas. Aquele homem ficou sendo a pedra no meio do meu caminho. Cantando mesmo, para não sair do tom, chutava-a. Alguns colegas me disseram que era poeta e me sonhou musa. Como parar para ouvir isso com delicadeza, se o violão já insistia noutra samba? Eu amava era isso mesmo: a música, o som, as praças, o cinema e seus mitos, o sorvete, o chope gelado. E nunca quis mesmo compreender porque se preocupar em amar os homens tão logo, se esse é sempre o nosso fim. Cada novo dia eu o percebia menos alegre mais triste só poeta. E eu, euera um dar de ombros. Com inocente deboche, cheguei até ele, um qualquer dia. Caiu o pano: esse homem, sem falar, me contou da sua caverna de amor. Tanto amor na minha frente, que quase me sinto culpada pelo meu vazio de amar. Insistiu em me dizer que se chamava Joaquim. Não, Joaquim não existia mais: “o amor o comera”.

Teresa:

O mundo capotou e morreu. Eu fiquei pra matar meus sonhos. Hoje sei que Raimundo era apenas rima, mas eu achei a solução. Agora, são lápides, os anseios que tive. Vim para este convento e fiz dele a sepultura de mim mesma. Cuido de regá-la e enfeitá-la com as flores frescas que eu mesmo planto nesse estrangeiro jardim. À noite, somente elas e Deus, assistem aos meus mudos e solitários gozos.

Maria:

Joaquim era a minha esperança de felicidade, de fertilidade. Só nele eu me multiplicaria. Mas ele de poeta passou a santo. E estou eu, aqui, depois de muitos anos, devota a ele. Vejo Teresa, uma feliz freira, organizando o coro infantil: aceno-lhe. Volto a Joaquim era a mão que abria a minha única porta. Como o amor matou-o antes, quero estar fechada, que ninguém me abra a porta. O amor suicidou-se e me matou o meu desejo.

RODAS DE LEITURAS NORDESTINAS

LEITURAS PARAIBANAS

Lili:

Depois que o amor comera Joaquim, eu vim para o Nordeste. Principalmente casei-me no Nordeste. Foi assim: era noite de São João e uma quadrilha nos separava. Enquanto a quadrilha rodava, girava, ele me esperava, distante, no outro lado. E aconteceu: eu cheguei até ele, a quadrilha terminara. Muito sério ele disse que se chamava Jota Pinto Fernandes, e que ia entrar na minha história. E eu não lhe prometi nenhum amor.



**RODAS DE LEITURAS
DO CEARÁ**

RODAS DE LEITURAS NORDESTINAS

LEITURAS CEARENSES

**O que mais dói
(Patativa do Assaré)**

O que mais dói não é sofrer saudade
Do amor querido que se encontra ausente
Nem a lembrança que o coração sente
Dos belos sonhos da primeira idade.

Não é também a dura crueldade
Do falso amigo, quando engana a gente,
Nem os martírios de uma dor latente,
Quando a moléstia o nosso corpo invade.

O que mais dói é o peito nos oprime,
E nos revolta mais que o próprio crime,
Não é perder da posição um grau.

É ver os votos de um país inteiro,
Desde o pracião ao camponês roceiro,
Pra eleger um presidente mau.

(Abílio Martins)

Chega ao céu uma defunta,
loura, franzina, catita...
São Pedro, grave, profundo,
vendo a defunta bonita,
coça a barba, se concentra,
se concentra e lhe pergunta:
- Dansaste tango no mundo?
- Dansei, São Pedro...
- Pois entra...

**Eu e o Sertão
(Patativa do Assaré)**

Sertão, argüem te cantô,
Eu sempre tenho cantado
E ainda cantando tô,
Pruquê, meu torrão amado,
Munto te prezo, te quero
E vejo qui os teus mistéro
Ninguém sabe decifrá.
A tua beleza é tanta,
Qui o poeta canta, canta,
E inda fica o qui cantá.

RODAS DE LEITURAS NORDESTINAS

LEITURAS CEARENSES

Última Página
(Otacílio Azevedo)

Como o viajor que em meio do deserto
encontra, ao pôr do sol, plácido abrigo,
— repouso, agora, solitário, certo
de que só mágoas dormirão comigo...
Meu coração — tristíssimo jazigo
de mil sombras de angústia hoje referto
fechou das ilusões o áureo postigo
depois que para o amor foi todo aberto!
Preso à teia de aranha da saudade
o que mais me tortura o vão sentido
e de amarguras o meu peito invade
é o remorso cruel de haver mentido:
— pois se do amor cantei mais da metade
metade não cantei do que hei sofrido..

(Ana Montenegro)
Poesia sobre Marighella (sem título)

Em seu enterro não havia velas:
Como acendê-las, sem a luz do dia?
Em seu enterro não havia flores:
Onde colhê-las, nessa manha fria?
Em seu enterro não havia povo:
Como encontrá-lo, nessa rua vazia?
Em seu enterro não havia gestos:
Parada inerte a minha mão jazia.
Em seu enterro não havia vozes:
Sob censura estavam as salmodias.
Mas luz, e flor, e povo, e canto
responderão “presente”,
chegada a primavera mesmo que tardia!

RODAS DE LEITURAS NORDESTINAS

LEITURAS CEARENSES

O cearenses
Ana Miranda

Quando cheguei ao Ceará, há uns dez anos, tive logo nos primeiros dias uma surpresa. A moça que trabalhava para mim me disse que ia “rebolar no mato”. O quê?, pensei, rebolar no mato? Não fazia muito sentido ela ir requebrar os quadris no meio de um matagal. Foi então que entendi: ela ia jogar no lixo alguma coisa.

Fiquei fascinada com a perspectiva de conhecer novas expressões e palavras. Ia dar vasto material para a minha literatura. Quem sabe um romance todo nesse modo de falar, como Guimarães Rosa fez com a voz do sertanejo mineiro. Passei a anotá-las. Hoje tenho alguns caderninhos só com essas falas escutadas aqui e acolá. Ontante, arengar, cabra atarrachado, É o cão! Aprendi o que é botar boneco, bonequeiro, brechar, batoré, beréu, só para mencionar algumas começadas com a letra B. E me encantava com expressões que ouvia, sempre devidamente anotadas. “Jumento sem mãe”, que significa um pobre coitado, um zé-ninguém. Ficar com “os olhos grelados”, ou os olhos fixos. “Fazer gaiatice”, o mesmo que molecagem. “Cabra fuleiro”, um piadista, gozador. “Mangar de alguém”, ou zombar. “Aperrear”, usado no lugar de chatear. “Pé de pau”, que é árvore. “Pastorar”, de muito uso significando guardar, cuidar de algo. “Cabra macho”, um sujeito valente. Em vez de mau cheiro, catinga. Em vez de comida insalubre, comida reimosa. Carão em vez de bronca, ou repreensão. E a expressão que mais me espantou: Bonito pra chover. É que, nas bandas de lá onde fui criada, um dia chuvoso é feio, triste, e é belo o dia límpido, de céu azul sem uma nesga de nuvem.

Na natureza, fauna e flora, também ocorreram muitas novidades para mim. Logo percebi que quando eu dizia aipim, abóbora, ou fruta-do-conde, as meninas não entendiam que eu estava falando de macaxeira, jerimum, e ata. Lagartixa aqui falavam víbora, ou briba. Catita em vez de camundongo. Guabiru em vez de rato. Cassaco, avoante, punaré. Castanhola em vez de amendoeira. Capote em vez de galinha d’Angola. Em vez de lagarto, calango. E em vez de gato ou cachorro vira-lata, aqui diziam pé-duro, que lá no sul significava um sujeito rude, mal-educado, casca-grossa.

E de vez em quando surgiam as expressões engraçadas, que manifestam o humor cearense, às vezes ingênuo, às vezes irônico: Olha o troco!, que o sujeito grita para quem sai sem pagar. Ou, então: “Bota na minha conta!”

RODAS DE LEITURAS NORDESTINAS

LEITURAS CEARENSES

quando alguém quebra alguma coisa ali por perto. Cheguei, fascinada, ao Seu Lunga, que fazia brilhantes brincadeiras com a linguagem.

– Seu Lunga (diz alguém), este é um carrinho de bebê?

– É carrinho de menino novo, mas se quiser eu derreto ele e boto num copo pra mode beber.

Acabei descobrindo que no Ceará existe uma língua local, ou dialeto, o cearenês. Com literatura e tudo. Cheguei a comprar alguns dos pequenos dicionários que enumeram as expressões desse falar, na maioria divertidas, irreverentes. Nesses dicionários encontramos também palavras belas, como paroara, lebrinar... paroara é o nordestino que vai se aventurar nos seringais do Acre. Lebrina é a chuva fininha. Bulida é a moça desvirginada. Bulir é mexer. E a belíssima palavra “cunhã”, que eu já conhecia de Rachel de Queiroz, aliás, uma guardiã da expressão cearense.

Dia destes, fiquei sabendo de um neologismo, que é o verbo éguar. Eu éguo, tu éguas, ele égua, nós éguamos... E o verbo iracemar, eu iracemo, tu iracemas, ele iracema... Tudo, sempre que possível, falado num sotaque característico do cearenês. Ô corra boa. Marromeno. Macho véi. Macho réi. Laculá. Caba véi. Caba macho. Trocando os esses pelos erres, os vês pelos erres... Ou sumindo com os erres...

Fico pensando, às vezes, por que isso aconteceu tão fortemente por aqui. Talvez tenha começado pelo isolamento histórico — Fortaleza nasceu sem porto, ao contrário de Recife ou Salvador, abertas ao cosmopolitismo, a diferentes linguagens. A capitania do Ceará era cercada por montanhas, o mar sem enseadas mansas para abrigo de naus. Isso deve ter fortalecido o nascimento e a preservação de uma cultura própria, original, sólida, com mudanças mais lentas, que temos em riqueza até os dias de hoje. Também, deve haver um sentimento de honra regional, de querer reconhecimento e respeito.

Deixando de parangolé, ando meio arigó. Ainda não entendi foi a expressão que mais escuto por aqui, “Arre égua!” Não sei se expressa alegria, decepção, surpresa, irritação... Sei que incorporei muitas falas e ando disparando, por aí, de quando em vez, no lugar de Virgem Maria, sonoros Vixe Maria!

Para todos, um cheiro.

Rodas de Leituras Cearenses
apresenta:

Bráulio Bessa



Saudade de quem se foi

Balançando na rede da lembrança,
enrolado no lençol da solidão,
segurando seu retrato em minha mão,
minha alma não cochila nem descansa.
Serei grato ao tempo que não cansa
e viaja sem perder velocidade
pra num dia qualquer da eternidade
colocar nossas almas frente a frente.
Não há dor que maltrate mais a gente
que o corte da navalha da saudade.
Ter paciência é um dom.
Ser impaciente também!

Nascido em Alto Santo (Ceará), o poeta se define como um fazedor de poesia. Com 14 anos, Bráulio começou a escrever poesia popular - inspirado no poeta Patativa do Assaré. Aos 26 anos lançou a página Nação Nordestina no Facebook e teve enorme repercussão online - o vídeo declamando o poema Nordeste independente viralizou e chamou a atenção de produtores de televisão. Hoje, tem seu próprio canal no YouTube.

RODAS DE LEITURAS NORDESTINAS

LEITURAS CEARENSES

Nunca é tarde (Bráulio Bessa)

O tempo se escorrega
despretensiosamente,
não há força que segure
por mais que a gente tente,
cada minuto pra trás
foi um que andou pra frente.

E mesmo correndo doido
nesse galope feroz,
vez por outra ele amansa
e deixa de ser algoz,
inté parece que diz:
Dá tempo de ser feliz,
pois nunca é tarde pra nós.

Nunca é tarde pra viver
e aprender com a vida,
pra perceber que a estrada
nem sempre será florida
e que sempre há uma cura
até pra pior ferida.

Nunca é tarde pro rancor
se transformar em perdão,
pra perceber que nem sempre
você tem toda a razão,
pra sentir mais com a mente
e pensar com o coração

Nunca é tarde pra ser bom
quando a maldade chegar,
nunca é tarde pra sorrir
quando a lágrima rolar,
nunca é tarde pra ser forte
quando o corpo fraquejar

Acredite, nunca é tarde
pra abraçar um amigo,
pra proteger um estranho
que está correndo perigo,
nunca é tarde pro seu peito
se tornar um grande abrigo.

Nunca é tarde pra plantar
uma árvore no chão,
nunca é tarde pra ser grato
por nunca faltar o pão
e aprender a dividi-lo
com quem não tem um tostão

Nunca é tarde pra sonhar
com algo quase impossível
e entender que a esperança
nem sempre será visível.
Nunca é tarde para o fraco
se tornar um imbatível

Imbatível como o tempo
que todo dia avisa
que a conta que ele faz
quase sempre é imprecisa
e até a calculadora
não sabe e fica indecisa

A conta de quando a peça
da vida sai de cartaz,
onde o ator principal
é você e ninguém mais.
O tempo é um segredo,
acredite, é muito cedo
pra dizer: Tarde demais

RODAS DE LEITURAS NORDESTINAS

LEITURAS CEARENSES

Recomece (Bráulio Bessa)

Quando a vida bater forte
e sua alma sangrar,
quando esse mundo pesado
lhe ferir, lhe esmagar...
É hora do recomeço.
Recomece a LUTAR.

Quando tudo for escuro
e nada iluminar,
quando tudo for incerto
e você só duvidar...
É hora do recomeço.
Recomece a ACREDITAR

Quando a estrada for longa
e seu corpo fraquejar,
quando não houver caminho
nem um lugar pra chegar...
É hora do recomeço.
Recomece a CAMINHAR.

Quando o mal for evidente
e o amor se ocultar,
quando o peito for vazio,
quando o abraço faltar...
É hora do recomeço.
Recomece a AMAR.

Quando você cair
e ninguém lhe aparar,
quando a força do que é ruim
conseguir lhe derrubar...
É hora do recomeço.
Recomece a LEVANTAR.

Quando a falta de esperança
decidir lhe açoitar,
se tudo que for real
for difícil suportar...
É hora do recomeço.
Recomece a SONHAR.

Enfim

É preciso de um final
pra poder recomeçar,
como é preciso cair
pra poder se levantar.
Nem sempre engatar a ré
significa voltar.

Remarque aquele encontro,
reconquiste um amor,
reúna quem lhe quer bem,
reconforte um sofredor,
reanime quem tá triste
e reaprenda na dor.

Recomece, se refaça,
relembre o que foi bom,
reconstrua cada sonho,
redescubra algum dom,
reaprenda quando errar,
rebole quando dançar,
e se um dia, lá na frente,
a vida der uma ré,
recupere sua fé
e RECOMECE novamente.

Rodas de Leituras Cearenses
apresenta:

Rachel de Queiroz
(1910 – 2004)



Nascida em Fortaleza, Ceará, foi a primeira mulher a entrar para a Academia Brasileira de Letras e a primeira mulher a receber o Prêmio Camões. Aos 20 anos, publicou seu primeiro romance, “O Quinze”. Possuidora de uma vasta obra, Rachel de Queiroz escreveu romances, contos e crônicas, com destaque para ficção social nordestina. Além disso, escreveu literatura infanto-juvenil, antologias e peças de teatro

A Velha Amiga

“... Qual será, nesta vida, o jovem satisfeito? Um jovem pode nos fazer confidências de exaltação, de embriaguez; de felicidade, nunca. Mocidade é a quadra dramática por excelência, o período dos conflitos, dos ajustamentos penosos, dos desajustamentos trágicos. A idade dos suicídios, dos desenganos e, por isso mesmo, dos grandes heroísmos. É o tempo em que a gente quer ser dono do mundo - e ao mesmo tempo sente que sobra nesse mesmo mundo. A idade em que se descobre a solidão irremediável de todos os viventes. Em que se pesam os valores do mundo por uma balança emocional, com medidas baralhadas; um quilo às vezes vale menos do que um grama; e por essas medidas, pode-se descobrir a diferença metafísica que há entre uma arroba de chumbo e uma arroba de plumas...”

RODAS DE LEITURAS NORDESTINAS

LEITURAS CEARENSES

Não Aconselho Envelhecer (Rachel de Queiroz, 1995)

Aos moços dou um conselho: não fiquem velhos. Verdade que as opções são poucas — morrer, ou lutar contra a velhice. E morrer não seria opção, mas entrega; e a luta? Bem, a luta resulta sempre numa batalha perdida e inglória.

Entre os processos cruéis da natureza, é a velhice o mais cruel. Implacável, insidiosa, ataca por todos os lados, abre a porta a todas as moléstias mortais. Pensando bem, é uma espécie de HIV a longo prazo. Te ataca o coração, o pulmão, todas as demais vísceras — a tripa, o fígado, o que nos abatedouros se chama o arrasto. E mais a fiação arterial e venosa; e a coluna! E não falei na atividade cerebral. E também esqueci os ossos, a infame osteoporose, que te rói os ossos pelo tutano, deixando-os como frágeis cascas de ovos. E então basta um pequeno escorregão na banheira para deixar um fêmur fraturado.

Os moços compadecidos, os quarentões assustados e os próprios velhos, apelando para tudo, inventaram ultimamente essas bobagens de “terceira idade”, clubes e associações que trabalham contra o isolamento e as tristezas da velhice. Mas não se iluda, velho, meu amigo e colega. Ninguém está acreditando naquilo. Você já viu na TV um quadro de propaganda dessa falsa recuperação de terceira idade? Um velho e uma velha, vestidos à moda dos anos 30, tentando dançar um tango argentino? É patético, embora a maioria dos moços apenas o considere docemente ridículo.

Diz-se que já se consegue muito na luta contra a velhice. Ginástica, dieta, malhação, corrida etc. Cirurgia plástica. Ah, já pensaram no tormento de uma bela mulher, atriz, dama do soçaito, cortesão, que viva da e para a sua beleza, ao descobrir as primeiras rugas, a flacidez do mento, daquela sutil rede de outras pequenas rugas que rodeiam os lábios? O dr. Pitanguy opera e os seus colegas de mérito variável também operam. Mas, por mais famosos, competentes e mágicos que sejam os cirurgiões plásticos, só fazem mágicas, não fazem milagres. Esticam a pele sobre os músculos flácidos, fazem um peeling, que é uma espécie de raladura na cútis, fica lindo a princípio, mas, como toda mágica, não dura muito. E aí tem que começar tudo outra vez, as cicatrizes já não se escondem tão bem atrás das orelhas ou no couro cabeludo, que, aparado, vai encurtando, deixando as pacientes com testas

RODAS DE LEITURAS NORDESTINAS

LEITURAS CEARENSES

enormes, quase uma calvície. E nem falei em calvície que, mercê de Deus, ataca mais os homens que as mulheres!

Você contempla no espelho, vê as rugas do seu rosto, do seu pescoço, como se olhasse uma máscara que se desfaz. Vê bem, sabe como está velho, embora não sinta que está velho. Sua alma, seus sentimentos, sua cabeça, nada disso confirma a palavra ou a imagem do espelho. Mas os outros só vêem de você o que o espelho vê.

E a par disso as cãs, quer dizer, os cabelos brancos? Bem, os cabelos pintam-se. Mas vocês já descobriram que, por mais excelentes que sejam os cabeleireiros e as tinturas, o cabelo pintado fica sempre gritantemente diverso do natural? Pensei sobre isso e acabei descobrindo: o cabelo nosso, a natureza lhe dá cor de fio em fio, cada fio na sua tonalidade, uns mais claros, outros mais escuros: o conjunto toma esse colorido inimitável, que profissional nenhum pode obter, já que lhe é impossível tingir fio por fio. E, daí, essas senhoras de comas tão louras, tão ruivas, tão castanhas e negras, não iludirem nunca, darem mesmo a impressão de que usam perucas.

E, no final de tudo, vem o envelhecimento da cabeça, da inteligência, das idéias, da alma — da chamada psiquê. O velho tenta se equiparar às audácias dos jovens, até mesmo excedê-las — mas a si próprio não se convence. Sabe que as suas idéias são as do seu tempo, fruto do que leu, viu e acumulou; e isso pode ser camuflado, mas não pode ser modificado. Dizem que as células cerebrais não se renovam, como as demais células do corpo — será verdade? Até mesmo as idéias dos gênios mortos envelhecem; e diante das idéias de um Nietzsche, de um Freud, tem que se dar o desconto do tempo e das mudanças. Contudo, o pior mesmo é quando você, com honesta sinceridade, lamenta diante de alguém os estragos que lhe traz a velhice, e esse alguém protesta com veemência: “Eu queria, quando chegar à sua idade, ter essa sua lucidez!”

Lucidez? O que é que esse cara esperava? Que você já estivesse caduco?

RODAS DE LEITURAS NORDESTINAS

LEITURAS CEARENSES

O Clamor do Meio Ambiente (Abraão Batista)

O homem é um animal
extremamente predador
é um bicho presunçoso
na terra, é um mal feitor
diz que é civilizado
mas não passa de um traidor.

Trai a vida que Deus deu,
como Seus mandamentos
suja tudo ao redor
com os próprios excrementos
polui a terra e o ar
casa, mares firmamentos.

Suja a estratosfera
com mulambo espacial
nas profundezas dos mares
joga as fezes e todo mal;
a Inglaterra que diga
o seu proceder desleal.

A Europa faz de tudo
em termos de poluição
sujando todos lugares
mostra horrorosa lição
é a mãe de Susgismundo
madrasta da desolação.

O Brasil também, é
um “galante” poluidor
da América, nem falo
assim, trato desse horror

a América do Norte
da sujeira é o clamor.

Nenhum país da terra
na sujeira, faz exceção
seja a França , ou Turquia
México, Rússia , ou Japão
Vietnam e Coréia
Bolívia, Peru e Botão. (sic)

Os homens são uns bandidos
que não respeitam a Terra
falam de uma maneira
mas, são eles quem mais erra
jogando lixo nas águas
no subsolo e na serra.

Pra que coisa mais horrível
que amostragem do lixão?
crianças, como urubus
remexem, e comem do chão...
tal qual um pesadelo
vive-se de apelação

A Inglaterra tirana
joga o seu lixo no mar!
o fundo dos oceanos
pede-me para reclamar;
a Terra, como uma nave
está prestes pra estourar

RODAS DE LEITURAS NORDESTINAS

LEITURAS CEARENSES

Os europeus acham pouco
a ousada contravenção
mandam lixo pra o Brasil
em safada apelação
Espanha e Inglaterra
não tem consideração.

A China é quem mais polui;
América? – nem se cala.
as indústrias pesadas...
A fabricação de bala,
aviões, foguetes, tudo
a nossa Terra, abala.

Cada dia mais se vê
carros rondando na rua
olarias, padarias
deixam a biosfera nua
preparando um futuro
duma Terra feia e crua.

Os políticos poderosos
mostram que não se dão conta
a natureza poluída
ofendida, nos aponta
o que pode acontecer
se com ela, se confronta.

Não jogue lixo na rua
porque vai tamar o bueiro
nem fume perto dos outros
pois aquele fumaceiro
provoca câncer no peito
na cuca, e no trazeiro. (sic)

O óleo que você usa
para fritar a batata
não jogue dentro da pia
porque, nisso, se constata
o óleo não é solúvel
e o esgoto desbarata.

O esgoto de sua casa
irá se tornar poluído
o cano que passa nele
se tornará entupido
provocando prejuízo
no seu salário sofrido.

Em um vasilhame vazio
junte o óleo servido
e repasse para alguém
a seu modo preferido
para então, fazer sabão
ou combustível contido.

Papel, lata, ou latinha
bote em lugar separado
pra o catador de lixo
ter o seu ganho achado
e a Natureza limpa
não ter seu tempo finado.

Não polua a Natureza
não toque fogo na mata
não corte o arvoredado
pois o bioma desata
muda o clima, e você
vai ficar como barata.

Cont.

RODAS DE LEITURAS NORDESTINAS

LEITURAS CEARENSES

Não destrua a si mesmo
fazendo extravagância
curtindo farras malucas
no desejo da ganância
retire o exagero
e coma com elegância.

Do jeito que a gente vai,
o homem, no seu proceder
vai acabar a água pura
e de sede, vai perecer.
eis o ultimato novo,
e completo meu parecer.

Quem prende os passarinhos
por assim, achar bonitos
deve também, ser preso
pra cantar ou, fazer gritos
dentro de uma masmorra
pra comer só os granitos.

Engaiolar os passarinhos
só reflete egoísmo;
no circo, os bichos presos
só demonstra banditismo
dos donos de espetáculos
montadores de cinismo.

Repare na Natureza
o cantar dos passarinhos
a beleza dos animais
todos, nos seus cantinhos
as aves de arribação
no espetáculo dos ninhos.

Repare na Natureza
o verdejante da mata
o aquecer da caatinga
o sossego da cascata
o reboiço dos mares
da ventania, a sonata.

Repare bem o sabiá
e a Ave do Paraíso
o Pavão (misterioso)
e, se não tiver juízo
continue a jogar sujeira
e aguente, se for preciso.

Olhe como a Terra é
para nós, a grande nave
que percorre o Universo
em grandioso conclave;
se você não a respeita
se transforma em entrave.

Sujar a casa que mora
vira uma contravenção
cuspir no prato que come
é ato sem explicação
quem maltrata a biosfera
é de se próprio o ladrão.
A Natureza é você
resplandecente e bela
quem a suja e maltrata
jamais pode merecê-la

Rodas de Leituras Cearenses

apresenta:

Jarid Arraes



Nascida em Juazeiro do Norte, Jarid Arraes é escritora, cordelista e poeta. Começou a publicar seus escritos aos 20 anos de idade, no blog Mulher Dialética. Mudou-se para São Paulo, onde passou a fazer parte da ONG Casa de Lua. Já publicou “Redemoinho em dia quente”, “Um buraco com meu nome”, “As lendas de Dandara” e “Heroínas negras brasileiras em 15 cordéis” e cordéis infantis, como “A menina que não queria ser princesa” e “A bailarina gorda” e “Os cachinhos encantados da princesa”.

Oráculo

ela abre a boca e vejo carne crua
manchas brancas sobre vermelho
ligamentos
breves cordões de gordura
ela abre a boca
e tudo é invólucro de eras
passadas em desertos frios
é noite é vento
ela abre a boca e devora a lua
devora os braços
tritura o cervo o cordeiro
suja-se de terra e lama
e a carne saindo da boca
é imagem de mulher

RODAS DE LEITURAS NORDESTINAS

LEITURAS CEARENSES

Graça

(Jarid Arraes)

Graça, essas tuas mãos debulhando feijões-verdes na calçada. Graça, essas tuas mãos. Graça, Graça. Queria um pouco de tua vontade de viver, mulher. Queria usar essas roupas de malha fina, que se gastam todos os dias com a repetição de cada uma das tuas alegrias. A tua alegria da manhã, líquida, garrafa térmica, xícara duralex. A tua alegria do almoço, feijão-de-corda, coentro, panelas de alumínio. A tua alegria que se estica até a noite, marcada pelo relógio das novelas. Imagino. Graça.

Mulher, escutei tua voz quando vinha lá da linha do trem. Passei perto de tua casa e quis curiar. Jogar meus olhos como britas lançadas por baladeiras. Que você segurasse meus olhos com essas tuas mãos, Graça. Essas mãos com unhas curtas, esmalte descascando. Uma cor diferente a cada semana. Graça, tuas cores são cheias de triângulos, zabumbas, pífanos. Tuas cores firmam meu corpo numa realidade boa. Graça, como é possível que exista uma realidade boa? Só essa que é tua, Graça.

Quando você vai buscar sabão na mercearia e de repente todos estão sorrindo. Graça, bom dia. Todos estão bem, todos desejam que o dia vá bem. Os produtos de limpeza e os sacos de arroz, Graça. Por que tudo é tão mais cheiroso e cozinha mais rápido? Essas tuas mãos que devem saber as medidas exatas de todos os temperos. Pediria que me desse merenda na boca.

Passe devagar na frente de minha casa, Graça. Quero dizer as coisas abestadas que sei dizer e estão tão acima de ti. Mulher, tá boa? E o calor? O calor, Graça. De tuas chinelas levantando terra, de teus dedos segurando sacolas, de tua vassoura varrendo o esgoto. Essas tuas mãos, Graça, que me dizem oi de longe. Eu, emocionada, seguro o instante em que você reconhece quem sou. Sorriso, alegria, essa tua alegria.

Graça. Sempre cheia.

A stylized map of the state of Alagoas, Brazil, rendered in a dark brown color. The map shows the state's outline and internal regional boundaries. It is centered on a solid orange background.

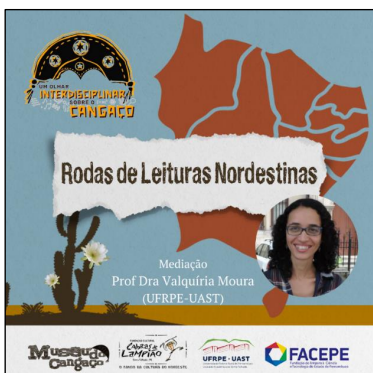
RODAS DE LEITURAS DE ALAGOAS

RODAS DE LEITURAS NORDESTINAS

LEITURAS ALAGOANAS

Rodas de Leituras Alagoanas
apresenta:

Valquíria Moura



“A amostra selecionada vai atender a aspectos representativos da literatura como um todo, a literatura brasileira e também alagoana, que é esse dilema do geral e do particular. A gente tem tendências bem regionais, uma cultura popular muito forte e presente. Ao mesmo tempo, há uma série de influências que giram em torno de certos pontos gravitacionais.”

Possui Licenciatura em Letras pela Universidade Federal de Alagoas e doutorado em Estudos Literários (2010). Tem experiência na área de Letras, atuando principalmente nos seguintes temas: estilística, poesia e crítica literária.

RODAS DE LEITURAS NORDESTINAS

LEITURAS ALAGOANAS

ANTOLOGIA ALAGOANA

“Mãos e mentes premiadas”

Ana Paula Santos Costa - 2º Lugar - 2013 - Pilar/AL

Existem muitas águas que vem de lá.
Lá onde canta o sabiá,
onde dança o cangaço; eu vou te contar.

Que essa terra é de guerreiros posso afirmar
que o mestre dos cangaceiros
morava também por lá.

O ilustre Arthur Ramos adorava esse lugar,
e por onde ele passava também deixava,
coisas maravilhosas que
só se encontra lá.

Na terra de muitas águas,
se encontra também por lá,
escritores maravilhosos você pode lembrar,
que Graciliano Ramos nasceu neste lugar.

Lugar de muitas águas,
mas vale ressaltar
que as mesmas águas também falta por lá.
É da seca que eu falo,
que assombra algumas partes deste lindo lugar.

Não queria terminar de falar,
falta muitas coisas depois posso contar.
Mas a terra de muitas águas onde canta o sabiá,
se chama Alagoas e eu sou de lá.

RODAS DE LEITURAS NORDESTINAS

LEITURAS ALAGOANAS

Altamir Teixeira do Nascimento - 2º Lugar - 2015 - Maceió/AL

Jorge de Lima poeta
Que em união nasceu
Graciliano Ramos também
Nessa terra percorreu

Aurélio foi um exemplo
Que nossa Alagoas deu
Jorge de Lima escreveu
Poesias naturais

O mundo do menino impossível
História bela demais
Enfeitando as bibliotecas
Da terra dos marechais

Graciliano ainda trás
Para todas as pessoas
Que lerem os seus poemas
Conhece histórias boas

Também escreveu a crônica
Viventes de Alagoas
Em Quebrangulo Alagoas
Nasceu esse simples menino

Foi político, foi prefeito
Levado pelo destino
E todo Brasil conhece
Esse fenômeno nordestino

RODAS DE LEITURAS NORDESTINAS

LEITURAS ALAGOANAS

A clandestina (Ledi Ivo)

— Quem é esta clandestina
que dentro de mim viaja

e de mim não se separa
mesmo quando estou dormindo

e aparece nos meus sonhos
breve e leve como a neve?

Quem é esta clandestina
doce e branca e feminina

que me segue quando saio
sombra em mim dissimulada

e torna a voltar comigo
colada ao cair da tarde?

Quem é esta clandestina
que de mim não desembarca?

Sou seu trem ou seu navio?
Seu barco ou seu avião?

E sua voz me responde:
— És meu berço e meu jazigo.

Antes mesmo de nasceres
eu já estava contigo.

E sempre estarei em ti
até o fim da viagem.

A eternidade premeditada (Ledi Ivo)

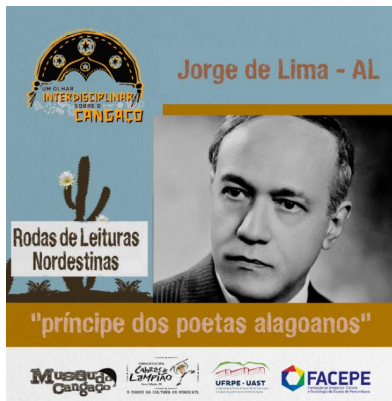
Isto será a eternidade:
um incessante subir de escadas.

E sempre estarás no começo da
escadaria
muito embora todos os dias sejam
degraus.

Deus, porque fizeste a eternidade?
Porque nos obrigas a subir tantas
escadas?

Rodas de Leituras Alagoanas apresenta:

Jorge de Lima



Jorge de Lima foi um poeta, romancista, pintor, político, médico, biógrafo, ensaísta e tradutor brasileiro. Nascido em Alagoas, escreveu seu primeiro poema aos 14 anos, “O acendedor de lampiões”. É autor de uma obra poética que oscila entre o formalismo, o misticismo, as recordações da infância e a influência da cultura negra. Em 1921, foi eleito o Príncipe dos Poetas Alagoanos.

Mulher Proletária

Mulher proletária – única fábrica
que o operário tem, (fabrica filhos)
tu
na tua superprodução de máquina humana
forneces anjos para o Senhor Jesus,
forneces braços para o senhor burguês.

Mulher proletária,
o operário, teu proprietário
há de ver, há de ver:
a tua produção,
a tua superprodução,
ao contrário das máquinas burguesas
salvar o teu proprietário.

RODAS DE LEITURAS NORDESTINAS

LEITURAS ALAGOANAS

Zumbi

(Jorge de Lima)

Em meu torrão natal — Imperatriz —,
nas serras da Barriga e da Juçara,
um homem negro, muito negro, quis
mostrar ao mundo que tinha alma clara.

E tem o sonho que Platão sonhara: —
que um sonho nobre não possui matiz.
(O sol d'Egina é o mesmo sol do Saara,
da Senegâmbia, de qualquer país).

Em mil seiscentos e noventa e sete,
galgam o topo da montanha a pique,
os homens brancos de Caetano e Castro.

E o negro herói que não se curva e inflete,
faz-se em pedaços para que não fique
com os homens brancos, o seu negro rastro...

Poema Do Nadador

(Jorge de Lima)

A água é falsa, a água é boa.

Nada, nadador!

A água é mansa, a água é doida,

aqui é fria, ali é morna,

a água é fêmea.

Nada, nadador!

A água sobe, a água desce,

a água é mansa, a água é doida.

Nada, nadador!

A água te lambe, a água te abraça,

a água te leva, a água te mata.

Nada, nadador!

Senão, que restará de ti, nadador?

Nada, nadador.

RODAS DE LEITURAS NORDESTINAS

LEITURAS ALAGOANAS

Soneto n. 6 **(Carlos Moliterno)**

Debruço-me na tarde sobre a Ilha,
enquanto o sol estanca no vermelho,
e derramo lembranças nas areias
e na relva, nas flores e nos frutos.

A memória na tarde é um calendário
que registra os mais lúcidos instantes
dos meus passos incertos e perdidos
na minha irresponsável geografia.

No silêncio da tarde me absorvo,
perdido nos seus pontos cardiais,
marinheiro sem rumo e sem estrela.

Percorro a Ilha sem mirante e mapas
e céu e terra escapam dos meus dedos,
como fios de luzes intocáveis.

Enganos **(Carlos Moliterno)**

Tínhamos então
Vinte e cinco anos:

Vivíamos atrás
De um futuro exato
No ato mesmo
De viver enganos

Rodas de Leituras Alagoanas

apresenta:

Anilda Leão



Foi jornalista colaboradora em diversos órgãos da imprensa alagoana, poeta e cronista. Seu primeiro poema, publicado ainda adolescência com o título de “Piedade”, já mostrava sua preocupação com questões sociais. Casou com o escritor e jornalista Carlos Moliterno, desquitado, e causou escândalo na preconceituosa sociedade de então. Colaboradora assídua nas páginas da imprensa local, com temas voltados para a situação da mulher e dos excluídos, como: homossexualismo, aborto, discriminação e violência.

Cigarro

Sinto na minha boca um gosto vazio.
Um gosto de jejum. Um gosto de nada.
Acendo um cigarro. Fumo.
E o gosto masculino que fica em minha boca,
Vem preencher a sua ausência,
E a ausência de seus beijos.
No gosto do meu cigarro
Sinto o gosto da sua boca.

RODAS DE LEITURAS NORDESTINAS

LEITURAS ALAGOANAS

Poema das horas mortas (Anilda Leão)

Esta noite eu conversei tristezas
e ouvi as horas mortas pisando de leve,
para não perturbar meu pranto.
Senti minh'alma desgarrar-se
e seguir outros rumos,
palmilhar caminhos estranhos,
em busca do meu sorriso
que se perdera no abismo da noite.
Esta noite eu conversei tristezas,
e teci saudades,
e magoei meus olhos,

lembrando coisas que já estavam mortas

Poema da Metamorfose (Anilda Leão)

Eu já me transformei em sol,
e em raios de luz iluminei teu quarto.
Eu já me transformei em estátua,
e deslumbrei os teus olhos
com a suavidade das minhas formas.
Eu já me transformei em Amor
e de amor já enchi tua vida.
Hoje, com este silêncio,
com este ar de distância que há entre nós dois,
eu nem sei o que sou, nem o que fui.
Hoje, para reviver os instantes vividos,
eu me transformei em Sonho!

RODAS DE LEITURAS NORDESTINAS

LEITURAS ALAGOANAS

Origem

(Anilda Leão)

Quando a noite desce sobre a terra,
as sombras do mundo inteiro se procuram,
e se encontram e se amam.
Mais tarde, ventres peçados
despejam luzes sobre o corpo do céu.
(Luzes que foram geradas num instante de amor)

E assim nascem as estrelas.

Promessas

(Anilda Leão)

Eu farei do meu corpo
o arrimo suave para a tua canseira.
Eu darei um pouco da minha tranquilidade,
para amenizar as asperezas da tua vida.
Eu te embalarei nos meus braços
e reclinarei tua fronte cansada
de encontro ao meu peito.
As minhas mãos serão feitas de carícias
e repousarão de leve sobre tua cabeça.
Eu serei para ti, aquela que custou a chegar,
mas que surgiu no momento preciso,
em que procuravas uma sombra amiga,
para repousar o corpo cansado.
Dar-te-ei tudo quanto te foi negado na vida,
se me deres em troca o teu amor,

e as lições que aprendestes do mundo.

RODAS DE LEITURAS NORDESTINAS

LEITURAS ALAGOANAS

Poema n. 4 (Arriete Vilela)

Preciso sempre
ir dentro de mim:

confiro-me.

E quando emergo,
sou rochedo descobrindo-se
com a baixa da
maré.

Poema n. 21 (Arriete Vilela)

Hoje farejas indícios
de novas trilhas,
velas o teu coração tornado
rípido, brumoso,
e vais às praças públicas colher
um súbito rosto.

Hoje tenho nos olhos
somente a dança das
estrelas cadentes
fazendo-se mar e poesia:
a minha melhor
porção diária de vida.

Poema n. 26 (Arriete Vilela)

Da janela sobre o mar,
sem saudades eu dou adeus
a mim mesma;

faço-me outra,
e nova.

Quero trazer-me alegre
à luz do dia ou da noite,
sossegar-me nas trovoadas,
evitar as esporas do vento
nos meus cabelos.

Inútil esforço,
Sei. Aos meus olhos
cola-se, diariamente,
uma alma de estopa áspera,
embora rara.

A stylized map of the state of Sergipe, Brazil, rendered in a dark brown color. The map shows the state's outline and internal regional boundaries. It is centered on a solid orange background.

RODAS DE LEITURAS DE SERGIPE

RODAS DE LEITURAS NORDESTINAS

LEITURAS SERGIPANAS

Taças

(Fausto Cardoso)

Deslumbrado cheguei chorando à terra, um dia;
e, do lauto festim da vida, achei-me à mesa;
sempre libei cantando a taça da Alegria
embebou-me sempre o vinho da Tristeza.

Esplêndidas visões trouxeram-me à porfia as
ânforas do Amor; e de volúpia acesa,
minha boca de boca em boca um mosto hauria,
que de tédio me encheu por toda a Natureza.

Dá-me a velhice a taça; eu das paixões prescindo;
e, ébrio, ascendo a espiral de um sonho delicioso,
no vinho da Saudade achando um gosto infindo...

Parece-me o passado um rio luminoso,
onde vogo a rever, pelas margens florindo,
a dor, que ao longe tem as seduções do gozo!

Rodas de Leituras Sergipanas
apresenta:

Mário Jorge



o bicho-homem arranha
a teia-terra, aranha
estradando surdos
dados

amargos arte físseis
metralha fósseis
meta : mito
e morte

Nascido em Aracaju em 1946, Mario Jorge foi nada mais do que o primeiro poeta concretista sergipano. Tinha uma obra ácida e subversiva. Era militante e artista em plena ditadura militar. Foi preso em 1968 por vandalismo e supostamente “atividades subversivas devido à sua única obra publicada em vida: “Edição Envelope Revolução”. Foi absolvido em 1972 em Aracaju. Mario Jorge faleceu aos 27 anos em um trágico acidente de carro. Teve sua obra póstuma publicada em: Poemas de Mário Jorge (1982), Silêncios Soltos (1993), Cuidado, Silêncios Soltos (1993), De Repente, há Urgência (1997), e A Noite que nos habita (2003)

RODAS DE LEITURAS NORDESTINAS

LEITURAS SERGIPANAS

Paisagem Urbana
(Mário Jorge)

A
PALAVRA
FOTO(GRÁFICA)MENTE
CONSUMIDA
ANUN Cia.
a
V E N
D I
D
A

(Mário Jorge)

Verdecanavi
alto do avião
lativerdefundio canascida
latinegra vida fomedrada
verde cana vi alto do avião
a palavra fotograficamente
consumida anuncia avenida
verdecanavi...

o silêncio que dorme nas palavras

(Mário Jorge)

de que estranhos esgotos
vem a lama onde habitam
tão belos caranguejos?
de que tamanhos sóis
nasce essa luz que ofusca
os olhos de minh'alma?
ah! se eu soubesse diria
e esperava o eco e saberia
o silêncio que dorme nas palavras

RODAS DE LEITURAS NORDESTINAS

LEITURAS SERGIPANAS

O Homem E O Mundo (Gizelda Morais)

o homem vai
o homem vem
o mundo é o mesmo
o homem não

atrás da cortina
a luz se apaga
o homem se gasta
e o mundo não.

o homem prossegue
a música toca
o homem a escuta
e o mundo não.

no fundo das redes
os peixes repousam
o mundo descansa
e o homem não.

as fontes renascem
as rosas fenecem
o homem contempla
e o mundo não.

a noite é escura
o sol faz o dia
o mundo é cativo
e o homem não

o homem é vivido
o homem é passivo
o homem é lembrança
e o mundo não.

as pedras não falam
os ventos não gemem
o mundo se cala
e o homem não.

o espelho reflete
reflete e não vê
o homem é o mundo
e o mundo
não.

RODAS DE LEITURAS NORDESTINAS

LEITURAS SERGIPANAS

Fome
(Núbia Nascimento Marques)

Espanta-me
o dia
em que me fiz
anjo e carrasco
do meu passo:
Dona do meu medo
faço e refaço
meu rumo
haja tempestade
ou calmaria.
Na fúria de viver
mastigo
o bago suculento
da seiva vital
me nutro de solidão
redefino meu ser
no atalho mais feroz
da consciência
esganada.

Fé No Ofício
(Núbia Nascimento Marques)

não sou poeta
do parecer do carimbo
da hora certa
do relógio de ponto
dos trâmites legais
dos acordos
dos acertos
das mornas convivências
poeta oficial
Poeta tem que ser
o passo avesso
o grito o protesto
o pulso o murro
o monte o traste
a palavra maldita
o desacerto na próxima tocais
Sou poeta que faço
do laço o traço
do cuspe o rastro
do passo o arregaço
do sobejo o farelo
do travo o trevo
do amargo viver
d cada instante
sou poeta
mais nada.

RODAS DE LEITURAS NORDESTINAS

LEITURAS SERGIPANAS

Cântico Aos Laranjeirenses (João Sapateiro)

Minha terna Laranjeiras,
Terra das lindas palmeiras,
Adoro tudo que é teu;
Admiro os belos prados,
E adoro os lindos trinados,
Das aves que Deus te deu.

O teu passado eu bendigo,
E adoro o “Bom gosto” amigo,
Aonde vou me banhar;
Adoro a meiga corrente
Que canta canção dolente
Andando em busca do mar.

Adoro a tua Matriz,
Aonde a velhinha feliz
Vai rezar o seu rosário;
Amo o teu belo Cruzeiro
Que lá no cimo do outeiro
Nos lembra o Monte Calvário.

Amo a tua marujada,
E adoro a Pedra Furada,
Que nos encanta e fascina!
Gosto da policromia
E da coreografia
Da Taieira de “Bilina”.

Admiro a Matriana,
Aonde em fins de semana
O povo vai repousar;
E adoro o Barro Vermelho,
Que fez do rio um espelho
Onde vive a se mirar.

Eu gosto dos Penitentes
Que contritos, reverentes,
Rezam por todos do além.
- E é com orgulho que falo
Na dança de São Gonçalo,
Que nos encanta e faz bem.

Eu adoro as procissões
Que povos de outros rincões
Não deixam de acompanhar;
E os teus velórios cantados
Que nos deixam encantados
Esquecidos de chorar.

Amo ao Samba de Tropelo,
Coco, Forró e Martelo,
Bacamarte e Batalhão;
E as tuas garotas belas,
Cantando trovas singelas
Nas rodas de São João.

Cont.

Amo a vista deslumbrante,

RODAS DE LEITURAS NORDESTINAS

LEITURAS SERGIPANAS

Admiro os Caboclinhos,
E os Negros do Rei Raminho,
Lamentando o cativoiro;
E a cantoria bonita
Da turma de João de Pita,
No dia seis de janeiro.

Adoro os velhos sobrados,
Aonde em tempos passados
Se cultivava o lirismo;
E os bancos da Conceição,
Onde sentou-se a paixão
No tempo do romantismo.

Amo os sinos maviosos
E os teus jardins olorosos
Que te dão tanta beleza!
Amo as igrejas dos montes,
Amo as tuas velhas pontes
Que fazem lembrar Veneza.

Admiro o candomblé,
E o zabumba do José,
Torrentes de poesia!
Amo a face angustiada,
Da imagem cobiçada
Do Senhor da Pedra Fria.

E a brisa acariciante
Do morro de Bom Jesus;
O Serra-Velho, dioso,
E o mês de doloroso,
Que aos namorados seduz.

Adoro o teu céu de anil,
Amo o teu povo gentil,
Amo tudo que é de ti;
Eu amo os tamarindeiros
Eu amo os velhos coqueiros
Onde canta o bem-te-vi.

Adoro a rua Direita,
Porque quanto mais se ajeita,
Fica bem mais sinuosa;
E o Alto do Xavier
Que mostra pra quem quiser,
O quanto és majestosa!

Minh'alma também é louca
Por ti, cidade barroca,
Residência do saber;
Terra de João Ribeiro,
Meu amor é verdadeiro,
E te adoro até morrer!

RODAS DE LEITURAS NORDESTINAS

LEITURAS SERGIPANAS

Rodas de Leituras Sergipanas
apresenta:

Amaral Cavalcante



Antônio Amaral Cavalcante nasceu em Simão Dias em 1946. Durante as décadas de 70 e 80, atuou como um dos maiores agitadores culturais no movimento da “Contracultura” no estado. Contribuiu com o jornalismo sergipano criando o jornal alternativo Folha da Praia, impresso que circulou por mais de 40 anos, e a revista A Cumbuca. Publicou em vida um livro de poesias (Instante Amarelo) e uma coletânea de crônicas (A Vida me Quer Bem).

RODAS DE LEITURAS NORDESTINAS

LEITURAS SERGIPANAS

A vida Me Quer Bem
(Amaral Cavalcante)

No Mundo Doce De Açucares Imemoriais

À LUZ DOS CANDEEIROS

Doutor Celso vai trazer luz da Hidroelétrica de Paulo Afonso! Que nada, era promessa de coronel. Tanta luz pra quê? Perturbar o xiriri das cigarras, quando, de tardinha, anunciavam chuva nas palmeiras da praça? Desesconder segredos nos oitões, apagar estrelas? Carecia não. Um velho motor zuadento bufava de vez em quando na praça do Hospital e sua proficiência, arrancando das tripas coração em bufos-bufos, acendia aqui ali um fi fó elétrico nos postes, até as nove horas da noite, quando piscava duas vezes e logo logo nos devolvia à bendita escuridão. Era o que bastava. De noite, Simão Dias acendia suas Pletomax nas casas vetustas, ou era mesmo no candeeiro – doce gomo de luz, alumando as calçadas – que a cidade se via. Noites gostosas de escuridão e frio. Terá sido daí, do querosene inalado, do penumbrento lusco-fusco nos aguçando o tino, que nos tornamos únicos? Ou foi da elegância dos capotes, das lanternas de pilha recortando as ruas (cada indivíduo um farol de holandesas medidas), do boa-noite indistinto nos contrafortes dos becos. Algo noturno fez da minha cidade uma aldeia do mundo, eis que ficamos assim, simãodienses.

Depois do cuscuz ralado com manteiga sublime, noitinha, eu visitava o Padre Mário Reis. Padre macho, diga-se logo. Morava na praça a trinta metros da minha casa, mas o rito exigia lanterna, capa e circunspeção. Era somente lá, numa vitrola a manivela, que se podia ouvir a Cavalaria Rusticana, os doirados pomos de Chopin, o descabaço wagneriano em tímpanos heróicos, o doce Liszt, coitado, roendo a danação dos altares. Cadeiras confortáveis, semibreves e silêncio. O Padre só dizia: “Beethoven, Sinfonia Inacabada”. E nada mais havia o que falar. Quando não, na Rua do Coité, o Bar do Sinuca me fazia moleque. Na bola sete, depois de um Jurubeba com mel, todo mundo botava dez tostões. Era prazer de derrubar cabra frouxo no cataplá das caçapas, a escolha certa dos tacos, o campeão ranhendo o giz em grave silêncio. Grave como um Aquiles atento ao fragor da batalha. O pano verde enseadas

RODAS DE LEITURAS NORDESTINAS

LEITURAS SERGIPANAS

de Tróia – ele punha sobre a cruzeta o taco maior e pá! A bola branca saía exata, inventando geometrias, trisca aqui, tabela boba fazendo que não, depois cumpre o toque sutil: bola preta na caçapa.

A luz chegou depois de décadas de desesperança. Chegou com pompas de papel crepom, decorando os postes no estardalhaço dos dobrados. Lá estava a orgulhosa Lira Sant’Ana, toda engomada, com seus contraixos encantando os meninos. O regente, Seu Mestre Raimundo, metido em terno azul de linho belga, esfogueava. Era desses brancos sardentos de bochechas róseas, cabelo de milho, dedinhos miúdos. A gravata grená, torta clave de ré apertando o gogó, inda hoje me fascina. Como podia aquele desgrenhado organizar tanto som de tal modo encantador? É que Seu Raimundo era belo regendo o patriotismo da cidade, qual cisne branco em noite de luz.

Mas não foi muito boa aquela luz de Paulo Afonso. Quando a festa acabou veio a praga dos baratões. Cada uma, meu irmão! Invadiram a cidade. Não se tomava fresca na calçada, não se abria um baú, não se dormia sem uma barata nos lençóis. Praga da peste! Elas chegavam por volta das seis, ritualísticas em volta das lâmpadas, depois davam a louca no mundo. Tivemos grandes problemas. Pois lá vem Candhão (Dona Candhão é melhor), espavorida a xingar meio mundo de cão. Um intrépido baratão achara melhor se alojar no seu imenso califon e lá estava o danado, arranhando luxúrias no seu túrgido, imaculado peitão. Dona Candhão gritava: “A fia do cabrunco tá roendo minhas partes!” e chacoalhava, aflita, os berloques de ouro (pra conta de três), pendurados na cordilheira dos seios. Eu fui lá e os tirei.

AQUILO SE CHAMA BEIJU! (Amaral Cavalcante)

Não me conformo com esta mania de imitação dos sergipanos. É certo que a globalização torna as culturas cada vez mais homogêneas, mas preservar certas características culturais que identifiquem a nossa aldeia e mantê-las vivas são atitudes essenciais à sua visibilidade. Elas referendam o nosso modo de ser, de falar, de agir. São estas peculiaridades que nos fazem únicos, os sergipanos.

RODAS DE LEITURAS NORDESTINAS

LEITURAS SERGIPANAS

Certo dia, um empreendedor de Alagoas instalou, na Orla da Atalaia, uma barraca anunciando certa “Tapioca Alagoana”, que não passava de beiju. Sim, o nosso beiju! Com vários e inventivos ingredientes de recheio. Foi um sucesso! Instalada em local privilegiado, em frente a hotéis cinco estrelas, o negócio prosperou.

Isso bastou para que os sergipanos, em busca da freguesia, deixassem o nosso nome de lado. Aproveitando a tecnologia do alagoano, os sergipanos correram atrás e, desde então, o beiju passou a ser chamado de tapioca. Ora, a tapioca é o pó extraído da macaxeira ralada, o que produz a crueira, que deve ser enxugada numa prensa enorme, tradicionalmente de madeira, de onde escorre um líquido esbranquiçado. No fundo dessa vasilha, vai se depositando a fécula da mandioca e, aí, é que está a tapioca, como sabemos todos nós.

Com a tapioca, fazemos bolos, bolachinhas, mingau, pé de moleque e vários tipos de beiju: o sarôio, o malcasado, o molhado com leite de coco e o “de mesmo”, feito com a massa recém-saída da prensa, no forno, onde se torra a farinha. Este último era o sustento dos sertanejos às voltas com o eito, nas roças distantes. Um beiju enorme e duro, que podia ser comido com leite ou misturado no feijão – uma fonte de sustança reconhecida.

Não interessa que o mundo inteiro o chame de tapioca. Para os sergipanos, aquilo se chama beiju. E não achem que isto é besteira de intelectual! Trata-se da preservação da nossa identidade cultural. Na medida em que renunciamos aos nomes que demos às coisas que nos identificam e que nos fazem diferentes, estaremos renunciando à feição peculiar que nos torna únicos. Afinal, o lado bom da globalização é permitir que a aldeia se universalize.

Triste é constatar que, até os órgãos oficiais, como a Emsetur, apresentam a nossa iguaria em eventos nacionais e internacionais com a nomenclatura herdada das Alagoas. Daqui a pouco vão chamar canjica de curau e o mungunzá de canjica, como chamam os cariocas e paulistanos. Creio que deveria ser exigido a quem comercializa na Orla da Atalaia que respeitasse a tradição sergipana e vendesse “beiju”, ao invés de tapioca. É pedir muito?

RODAS DE LEITURAS NORDESTINAS

LEITURAS SERGIPANAS

Nervuras: Poesia em Carne Viva
(Ilma Fontes)

Planetária

Se você pensa que é fácil
Invadir uma mulata e partir
Num navio pirata
Totalmente autista
Você é mesmo um artista
E de fato não se engana
Quando chama a Terra de redonda.
Medonha forma de falar
De sua carne cósmica
Vista de cima é chata
Vista de fora é azul, claro,
Pra mim é negra, vermelha e amarela
A cor de sua carne planetária
E não há lágrima que me lave
Desse cheiro de sangue suor e mangue
Dessa carnificina que em mim arde
América Latina.

Nervuras: Poesia em Carne Viva
(Ilma Fontes)

Poema para o século XX

ELE VAI
EU VINHO

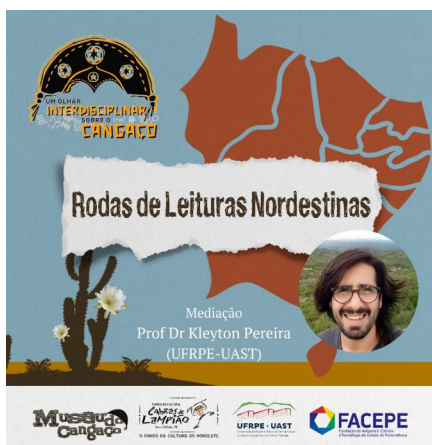
Aracaju, 31/12/1999.

A stylized map of the state of Bahia, Brazil, rendered in a dark brown color. The map is centered on the page and features a network of lighter brown lines representing major roads or highways. The text 'RODAS DE LEITURAS DA BAHIA' is overlaid on the lower portion of the map.

**RODAS DE LEITURAS
DA BAHIA**

Rodas de Leituras Baianas apresenta:

Kleyton Pereira



“Escolhi Livia porque é uma pessoa que conheço e conheço sua obra que toca em temas bastante atuais. Na poesia, ela passeia com muita elegância e com muita contundência. E a minha ideia era tratar desses temas de maneira mais geral, como o tema da mulher, um tema muito frequente na poesia dela, mas também o tema social da poesia dela. A Leitura que Livia faz é de quem vê a questão social de dentro, o lugar de fala dela é de uma mulher negra que cresceu na periferia de Salvador”

Doutor em Letras/Teoria da Literatura pelo Programa de Pós-Graduação da UFPE, Atualmente é professor da Universidade Federal Rural de Pernambuco - Unidade Acadêmica de Serra Talhada, na área de Língua Inglesa e Literaturas de Língua Inglesa. Coordenador do Núcleo Integrado de Língua Inglesa, suas Literaturas e Ensino - NILLE.

RODAS DE LEITURAS NORDESTINAS

LEITURAS BAIANAS

**À cidade da Bahia
(Gregório de Matos)**

Triste Bahia! ó quão dessemelhante
Estás e estou do nosso antigo estado!
Pobre te vejo a ti, tu a mi empenhado,
Rica te vi eu já, tu a mi abundante.

A ti trocou-te a máquina mercante,
Que em tua larga barra tem entrado,
A mim foi-me trocando, e tem trocado,
Tanto negócio e tanto negociante.

Oeste em dar tanto açúcar excelente
Pelas drogas inúteis, que abelhuda
Simples aceitas do sagaz Brichote.

Oh se quisera Deus, que de repente
Um dia amanheceras tão sisuda
Que fora de algodão o teu capote!

**Morena Flor
(Castro Alves)**

Ela tem uma graça de pantera
No andar bem-comportado de menina.
No molejo em que vem sempre se espera
Que de repente ela lhe salte em cima

A mim me enerva o ardor com que ela vibra

E que a motiva desde de manhã.
- Como é que pode, digo-me com espanto...

Rodas de Leituras Baianas
apresenta:

João Ubaldo Ribeiro



“E por isso acreditava também na grande responsabilidade do livre-arbítrio. Se não houvesse livre-arbítrio, o homem não seria nada, não poderia aspirar a nenhuma dignidade, pois que não teria responsabilidade de que, se queremos que o mundo melhore, devemos fazer por onde ele melhore, já que o mundo é nosso, é do homem e a ele foi dado. Não se pode querer que Deus resolva os problemas do homem, porque, se o fizesse, retiraria do homem a responsabilidade e, por consequência, o livre-arbítrio.”

Nascido na ilha de Itaparica, na Bahia, em 1941. Foi romancista, cronista, jornalista, tradutor e professor brasileiro. Membro da Academia Brasileira de Letras ocupou a cadeira n.º 34. Faleceu em 2014. Aos 21 anos de idade, escreveu seu primeiro livro, *Setembro não Tem Sentido*, que ele desejava batizar como A Semana da Pátria, contra a opinião do editor. Em 1984, João Ubaldo ganhou o Prêmio Jabuti com o romance, *Viva o Povo Brasileiro* (1984). O livro é um romance histórico, recheado de humor, com personagens fictícios, que recria quase quatro séculos da história do país.

RODAS DE LEITURAS NORDESTINAS

LEITURAS BAIANAS

A Raiz de Mandioca da Viúva Monção (João Ubaldo Ribeiro)

Todo mundo sabe que a terra aqui em Itaparica é fertilíssima, uma coisa que só vendo para acreditar. Bem verdade que costumava ser ainda mais fértil, mas isso era no tempo em que não havia televisão, de maneira que o pessoal contava histórias sobre proezas agrícolas e a coisa aumentava um pouco. Quase não temos mais bons mentirosos em Itaparica, a não ser do tipo desagradável existente em toda parte, o mentiroso político, o fariseu, essas personagens de rotina mesmo. Os outros, os bons, foram liquidados pela concorrência da tevê: hoje o pessoal fica em casa e, mentira por mentira, as dos comerciais do governo já satisfazem a quem quer dar umas risadinhas.

Lembro bem dos coentros de Lamartine. Isso foi no tempo em que Lamartine era rapazinho – e já estava velho quando o conheci, há mais de trinta e cinco anos, por aí vocês vêem quanto tempo que não faz. Os coentros de Lamartine, ele exagerou na adubagem, foi isso. Naquele tempo, não se podia exagerar na adubagem, porque a terra ainda estava muito impetuosa, muito moça, quase virgem, negócio mesmo de o sujeito se arriscar a ver raiz crescer no dedo, se enfiasse o dedo nela um tempinho. Mas ele exagerou no Salitre do Chile Especial e foi o que se viu: cada pé de coentro que dava para um homem se esconder atrás. Coisa que, aliás, ele chegou a fazer, numa certa oportunidade. Estava fugindo de dona Naninha, então noiva dele, por causa de uma transgressão da mocidade qualquer, e aí se escondeu dela atrás do pé de coentro. E ela não viu nada, sendo bem possível que tivesse pensado que errara de caminho e, em vez de à horta do noivo, tivesse chegado a um bananal.

Esse Salitre do Chile Especial, por sinal, nunca mais ele usou, porque as plantas itaparicanas tratadas com ele eram um transtorno. Quem quer que já tenha tentado vender um molho de coentro com as folhas do tamanho de palhas de coqueiro compreenderá bem o problema de Lamartine. Se a natureza fez as folhas de coentro daquele tamaninho, é porque quis que elas fossem assim. Que fez então Lamartine? Pegou o resto do saco do salitre e jogou nos fundos de um quarto do quintal, cômodo abandonado que ele só usava para depositar umas tralhas velhas mesmo.

Mal lembrava ele que, neste nosso clima, as plantas muitas vezes crescem sem ajuda de ninguém. Há casos e mais casos de gente que enricou vendendo melancia do quintal sem nunca ter plantado melancia. Assim também são a

RODAS DE LEITURAS NORDESTINAS

LEITURAS BAIANAS

abóbora, a flor que se chama boa-noite, a mamona, os capins e assim por diante. Pois muito bem, um belo dia Lamartine vai passando pelo quintal e nota que as paredes daquele quarto estão como que rachando, mostrando fendas para além do reboco. Que diabo seria aquilo?

A porta era dessas que abrem para dentro. Ele foi buscar a chave, girou-a, empurrou a porta e nada. Forçou com o ombro, deu pontapé e nada. Mandou chamar um caboclo forte que trabalhava com ele, o caboclo veio, meteu também o ombro na porta, a porta nada. Assim já era demais. Lamartine se aborreceu, mandou buscar um machado, tacou o machado no meio da porta. Uma machadada, duas machadadas, três machadadas e — zás! — sai uma lasca de madeira da porta, acompanhada de — adivinhem o quê? — Exatamente. De uma talhada de abóbora. A desgraçada da aboboreira que estava nascendo, toda encorucujadinha no canto do quarto, se cevou no adubo e aí deu uma abóbora que cresceu, cresceu, cresceu, até chegar àquele despropósito, quase destruindo o quarto todo e dando um prejuízo enorme.

Hoje em dia, não estamos mais como no tempo de Lamartine, mas a terra ainda é bastante fértil. E, felizmente, os praticantes da agricultura e do criatório, embora em pequeníssimo número, se comparado à pujança de outrora, de vez em quando nos surpreendem com novos feitos. Meu primo Zé de Neco mesmo, que não fuma, não bebe e só diz palavrão em último caso, pai de família apontado como exemplo em toda a cidade, merecia uma reportagem. Se o Nordeste não fosse discriminado, meu primo Zé de Neco teria uma bela reportagem. Uma não, duas pelo menos, pelo menos uns dois fantásticos da televisão. Como disse Armando de Lalá, num repentismo desses que vêm à cabeça dos poetas sem mais nem mais:

Fica os fantásticos filmando americano

E ninguém mais não admira o itaparicano!”

Zé cria galo de briga e não poupa sacrifícios para o aprimoramento genético de seu plantel. Para que o galo de briga tenha os baixos instintos indispensáveis ao exercício de sua profissão, é necessário que venha de linhagens inaceitáveis em qualquer família decente. Como, por exemplo, ser raceado com urubu. Pois Zé vai atrás do urubu, pega o urubu e força o casamento com as galinhas de briga dele. Como também força casamentos com mutuns, gaviões, o que pintar — o que interessa é um galo bom. Objetação os que acham isto impossível, pelas leis da biologia. Respondo que tentem objetar a Zé pessoalmente, para ver se, apesar de já estar chegando aos 60, ele ainda

RODAS DE LEITURAS NORDESTINAS

LEITURAS BAIANAS

não é bom de capoeira. Ele não aprecia ser chamado de mentiroso.

Tanto assim que lhes passo como verdade verdadeira o conselho que ele deu a todo proprietário de jardim ou areazinha onde possa plantar. O conselho é o seguinte: arranje uma manaíba, enfie lá e esqueça. Manaíba é o nome dado a uma raiz de mandioca que se usa para reprodução, uma espécie de muda, ou semente.

— Mas pra que é que eu quero um pé de mandioca no quintal, Zé?

— O que é que eu falei? Eu disse “plante uma manaíba e esqueça”. É pra esquecer.

— Mas, se é pra esquecer, pior ainda.

— É porque você não sabe do caso da Viúva Monção.

— A Viúva Monção?

— Você não conheceu, não foi de seu tempo aqui. Mas a Viúva Monção plantou uma manaíba de aipim na horta dela, esqueceu e, quando foi limpar o terreno, tirou uma macaxera de sessenta e quatro quilos!

— Como é que foi, Zé?

— Um aipim de sessenta e quatro quilos! Sessenta e quatro quilos! Agora, imagine isso aí, jardim por jardim, quintal por quintal. Não havia mais o problema da fome.

— Não sei não, Zé. Se tirassem a patente dessa manaíba da Viúva Monção, iam fundar a Mandiocabrás, criar o imposto sobre produtos da manaíba e exportar a manaíba toda.

— Isso é verdade. E, porque gringo não come aipim, iam acabar não deixando ninguém plantar aipim. Não, esqueça. Nunca houve esse aipim de sessenta e quatro quilos, da Viúva Monção.

— Mas você falou...

— Isso é porque a pessoa esquece que existe governo e aí vai fantasiando umas bobagens. Mas depois lembra que existe governo e aí lembra que uma mandioca dessas havia de ser ilegal, visto a falta de comida até hoje ter sido o programa de governo do governo.

— Zé — disse eu —, você devia ser ministro.

— Deus me livre — disse ele. — Eu sou contra a fome.

Rodas de Leituras Baianas

apresenta:

Livia Natália



Assombro

Num dia como este
de chuva uterina,
meus pés dançam belos
no equívoco dos sapatos novos.

Esta sou eu, em ledro engano:
enfeitando o mal, o errado,
e as ausências do mundo
com meus pés pouco delicados.

Livia Natália nasceu em Salvador, Bahia, em 25 de dezembro de 1979. É Doutora em Teorias e Crítica da Literatura e da Cultura pela Universidade Federal da Bahia e professora de Teoria da Literatura nessa Universidade. Aborda também a vivência no Candomblé e temáticas relativas à relação da mulher negra com seu corpo, cabelos e todos os signos étnico-raciais que atravessam, ela tem subvertido conceitos e reinventado modos de ser. A poeta tem publicado: Água Negra (2010), Correntezas e Outros Estudos Marinhos (2015), Água Negra e Outras Águas (2016) e Dia Bonito pra Chover (2017). Esta última obra ganhou o prêmio de melhor livro de poesia no Prêmio APCA.

RODAS DE LEITURAS NORDESTINAS

LEITURAS BAIANAS

Sina
(Lívia Natália)

Todo mês eu sangro.
Diversa de mim,
atravesso Águas brutas,
Oceanos que me povoam bravios.
Expulso o que em mim excede
e, do que sobra,
algo se move lívido
pulsando nas sendas de meu ventre.

Quando sangro,
o animal onde moro troca de pele,
por dentro,
expurgando entranhas.

Todo mês eu sangro.
Todo mês eu singro este mar,
Em que me banho.

Aporias do Afeto
(Lívia Natália)

É tempo de morangos.
E de sol crepitante nas pedras da rua.
É tempo de chuvas esparsas
e palavras contidas:
céu de chumbo
para além do azul.

Tempo de estátuas nuas
perfilharem os mendigos miúdos,
magros, desmatriados.

É tempo de espera,
de silêncio,
de sangue sem carne,
de olhos de galo cantando o mundo.
Sim.

É tempo de morangos.

RODAS DE LEITURAS NORDESTINAS

LEITURAS BAIANAS

Água Negra e Outras Águas
(Lívia Natália)

111 tiros, 111 presos, 111 negros
“porque os presos são quase todos pretos”

Amanhã uma bala perdida atingirá meu peito.
Serei apenas outra negra perdida
Ante a bala encontrada.
Da viatura, gritarão que transportávamos droga,
Que atiramos com armamento pesado,
Que reagimos e tombamos.

Como do Dantesco tombadilho,
Sobre nossos corpos, as moscas e os urubus –
De casaca e microfone à boca –
Enlouquecem dançando em espirais.

(Que mais fazer deste corpo calado?
Que mais fazer deste golpe violento na cara?
Como sanar, na ferida, o sangue?)

Preto é elemento marginal,
Com a face ladrilhada o menor vira alvo do jornal,
Depois, aluno de cadeira e pistola.
Há como calar com esta bebida amarga
Tragando o paladar?

Reagimos, sim! Desobedecemos:
Uma mulher me confundiu com a empregada
Me apontando o elevador
Eu a matei

Cont.

RODAS DE LEITURAS NORDESTINAS

LEITURAS BAIANAS

Meu irmão foi perseguido no mercado pelo segurança,
E suas mãos se demoraram sobre a carne branca,
Até estilhaçar sua humanidade

Os meninos de rua invadiram as casas e mataram as sinhazinhas
Não houve jeito.

Precisamos reagir.
Se a casa grande nos deve até a alma,
Que comecem os jogos, que paguem com o que se paga:
E ei de escolher minhas peças pelos dentes.

Dia Bonito para Chover **(Lívia Natália)**

Cântico dos cânticos

Sua boca banha minha outra boca
nela, o s lábios desabrocham
como pétalas perfumosas.

Sua boca banha minha outra boca,
Enquanto minhas mãos rasgam,
no ar,
as sutilezas

Sua língua lambe minha palavra mais secreta,
que, ereta,
canta o vigor desta estação.

Sua língua dança numa conversa matreira,
mergulhada nas dobras da caverna
onde se demora,
e te tornas presa,
entre as minhas pernas.



**RODAS DE LEITURAS
DO RIO GRANDE
DO NORTE**

Rodas de Leituras Potiguaras

apresenta:

Paula Santana



Paula Santana é doutora em Sociologia pela Universidade Federal de Pernambuco (2015).; Professora Adjunta da Universidade Federal Rural de Pernambuco - Unidade Acadêmica de Serra Talhada e; coordenadora do grupo de estudos e pesquisas Macondo: culturas contemporâneas, artes e outras epistemologias da UFRPE, em parceria com a UFPE.

“Minha família por parte de mãe, meus avós são do Rio Grande do Norte, eu sou somente a segunda geração que é nascida no Recife. Eu tenho um afeto especial com o Rio Grande do Norte, a gente sempre viajou para minha avó voltar para a região dela, que é o Sertão do Seridó, região de ascendência do povo potiguará. Então tem uma série de conexões que são muito afetuosas e gosto de trata-las no meu cotidiano. A própria relação com Graça Graúna perpassa esses encontros em nível espiritual que extrapola as conexões físicas da matéria humana.”

RODAS DE LEITURAS NORDESTINAS

LEITURAS DO RIO GRANDE DO NORTE

Um bairro chamado Lagoa do Mato (Antônio Francisco)

Nasci numa casa de frente pra linha,
Num bairro chamado Lagoa do Mato.
Cresci vendo a garça, a marreca e o pato,
Brincando por trás da nossa cozinha.
A tarde chamava o vento que vinha
Das bandas da praia pra nos abanar.
Titia gritava: está pronto o jantar!
O Sol se deitava, a Lua saía,
O trem apitava, a máquina gemia,
Soltando faísca de fogo no ar.

O galo cantava, peru respondia,
Carão dava um grito quebrando aruá,
A cobra piava caçando preá,
Cantava em dueto o sapo e a jia,
Aguapé se deitava e depois se abria,
Soltava seu cheiro nos braços do ar
O vento trazia pro nosso pomar,
Vovô se sentava no meio da gente
Contando história de cabra valente
Ouvindo lá fora o vento cantar.

A lua entrava na casa da gente,
Batia com força nas quatro paredes.
Seus cacos caíam debaixo das redes
Pintando na sala um céu diferente.
Quando ela saía chegava o sol quente
E com ele Zequinha pra gente brincar,
Comer melancia, depois se banhar
Nas águas barrentas daquela lagoa.
A vida era simples, barata, tão boa,
Que a gente nem via o tempo passar.

RODAS DE LEITURAS NORDESTINAS

LEITURAS DO RIO GRANDE DO NORTE

O peixe batia, a água espanava,
A gente pegava uma ponta de linha,
Amarrava um anzol numa vara que tinha
E ia pra onde o peixe pulava.

Num quarto de hora a gente voltava,
Já tinha traíra pra gente almoçar,
Piaba, manteiga pra gente fritar,
Titia fritava e a gente comia.
Faltava dinheiro, sobrava alegria
Naquele pequeno pedaço de lar.

Mas hoje nosso bairro está diferente.
Calou-se o carão que cantava na croa,
A boca do tempo comeu a lagoa
E com ela se foi o sossego da gente.
O vento que sopra agora é mais quente
E sem energia não sabe soprar.
A máquina do trem deixou de passar,
Ninguém olha mais pros raios da Lua
Que vivem perdidos no meio da rua
Por trás dos neóns sem poder brilhar

Perdeu-se traíra debaixo do barro,
O sapo e a jia também foram embora.
Aguapé criou pé, deu no pé e agora?
Só rosas de plástico tristonhas num jarro,
Fumaça de lixo, descarga de carro,
Suor de esgoto pra gente cheirar,
Telefone gritando pra gente pagar,
Um louco na rua rasgando uma moto,
Um besta na porta pedindo o meu voto
E outro lá fora querendo comprar.

Cont.

Um carro de som fanhoso bodeja:

RODAS DE LEITURAS NORDESTINAS

LEITURAS DO RIO GRANDE DO NORTE

Tem água de coco, tem caldo de cana,
Cocada de leite, gelé de banana,
Remédio pra caspa, tem copo, bandeja.
Uns quatro vizinhos brincando de igreja
Vão pra calçada depois do jantar.
O mais exaltado começa a pregar:
Jesus é fiel, castiga, mas ama!
E eu sem dormir rolando na cama
Pedindo a Jesus pro culto acabar.

E pegue zoada por trás do quintal:
Salada, paul, pomada, paçoca,
Pamonha, canjica, bejú, tapioca,
A do Zé tem mais coco, a do Pepe é legal!
Dez bola, dez bola, só custa um real!
Mas traga a vasilha pra não derramar!
Apuveite! Apuveite! Que vai se acabar!
E alguém grita: gol! Minha casa estremece
E eu digo baixinho: meu Deus se eu pudesse
Armar minha rede no fundo do mar!

Rodas de Leituras Potiguaras

apresenta:

Antonio Francisco



Antonio Francisco nasceu aos 21 de outubro de 1949; mas, somente após os 40 anos, tomou gosto pela poesia, pelo menos como autor, tornando-se um poeta popular. Múltiplo, fez-se também historiador (bacharel em História, pela UERN), xilógrafo e compositor. Um dos seus livros mais conhecidos, *Dez cordéis num cordel só* (2001), representa um marco na poesia popular brasileira. O reconhecimento da qualidade da sua produção levou-o a ser eleito, em 2006, para a Academia Brasileira de Literatura de Cordel (ABLC).

A Casa que a Fome Mora

Eu de tanto ouvir falar
Dos danos que a fome faz,
Um dia eu sai atrás
Da casa que ela mora.
Passei mais de uma hora
Rodando numa favela
Por gueto, beco e viela,
Mas voltei desanimado,
Aborrecido e cansado.
Sem ter visto o rosto dela.

Vi a cara da miséria
Zombando da humildade,
Vi a mão da caridade
Num gesto de um mendigo
Que dividiu o abrigo,
A cama e o travesseiro,
Com um velho companheiro
Que estava desempregado,
Vi da fome o resultado,
Mas dela nem o roteiro.

Deus é sol, sal e farinha
(Antonio Francisco)

O sol cochilava no meio do céu,
Jogando seus raios na cara do chão.
A gaita estridente de uma cigarra
Tocava sem graça a triste canção
Daqueles que vivem nos braços da secas
Tirando da fé um pouco de pão.

Enquanto os soluços do vento da seca
Passavam tocando seu sax tenor,
De uma cabana coberta de palha
Subiam os gemidos de um armador
Debaixo dos gritos de uma mulher,
Tingidos de mágoas, medo e rancor.

“José, oh, José, onde é que tu tá?
Responda, infeliz, acabou-se o feijão!
Se o menino acorda pedindo comida?
Só resta farinha e sal no caixão.
Maldita hora, José, que te vi.
Que vida, meu Deus, que vida de cão!”

E lá no aceiro do fim do quintal,
Sentado na sombra de um marizeiro,
Um homem responde: “Maria, Maria,
Estou concertando o seu galinheiro.
Pra que tanta guerra? Pra que tanta grito?
Acredite, Maria, no Deus verdadeiro!”

E de novo a mulher atira a voz:
“José, oh, José o que foi que te deu?
Concertar galinheiro? Pra que galinheiro,
Se a última galinha a raposa comeu?...
E com tantas igrejas pidonas no mundo,
Se Deus vai lembrar de alguém como eu?”

Cont.

RODAS DE LEITURAS NORDESTINAS

LEITURAS DO RIO GRANDE DO NORTE

E alheio aos gritos daquela mulher,
No mato um carão começa a cantar.
Maria escuta, e grita: José,
Carregue a espingarda e vá devagar!
Atire, José, atire pensando
Que atira na fome que quer nos matar!”

José entra em casa, carrega a espingarda,
E sai se arrastando para o tabuleiro...
Espingarda no ombro, chapéu na cabeça,
O rosto cortado pelo desespero:
Um pouco de gente, um pouco espantallo,
Um pouco de Cristo levando o madeiro.

Maria se escora no punho da rede
E olhando a criança e falando sozinha:
“Tão inocente, tão sofredora,
Tão sofredora, tão criancinha...
Gerada por nós debaixo do sol,
Nutrida com fé, com sal e farinha.”

Enquanto Maria consola a criança,
Jose se encontra de arma na mão
Poe entre os espinhos dos pés de jurema,
Com a boca da arma caçando o carão...
O carão só um pingo de sombra no mato;
José uma cruz balançando no chão.

Quando o sol se despede na linha do nada,
Que a noite se deita no colo do chão,
José chega em casa de volta da caça:
Espingarda no ombro, sem nada na mão.
Maria, chorando, pergunta: “José,
Me diga por que não mataste o carão?”

Cont

José bebe água e responde: “Maria

RODAS DE LEITURAS NORDESTINAS

LEITURAS DO RIO GRANDE DO NORTE

O pássaro cantou quando eu ia atirar.
Cantou tão bonito, senti tanta pena...
Perdoe-me, Maria, não pude matar.
Balance a criança e dê graças a Deus
Ter sal e farinha pra gente jantar.”

Maria, chorando, balança a criança
E diz soluçando num fio de voz:
“Você não matou o pássaro com pena,
Me diga, José, quem tem pena de nós?
Obrigada, meu Deus, obrigada, meu Deus.
Me diga, José, quem tem pena de nós?”

Lagoa das moças (Renato Caldas)

Vancê tá vendo êsse lago,
pequeno, desse tamanho?
Apois bem, é a lagoinha,
onde as moças tomam banho,
quaje tôda menhazinha.

Eu num sei praque razão
essa água cheira tanto?
Num sei mesmo praque é...
Mas, descunfio e agaranto:
sê do suô das muié.

- Mas, se eu fôsse essa lagoa,
se ela eu pudesse sê!
Se quando as moças chegasse,
eu pudesse as moças vê...
Aí, os óios eu feixasse...

Quando n'água elas caísse
eu pegava, abria os óios.
Uns óios desse tamanho!!!
Só pra vê aqueles móios
de moça tomando banho.

RODAS DE LEITURAS NORDESTINAS

LEITURAS DO RIO GRANDE DO NORTE

Té-Teu
(Jorge Fernandes)

Té-teu — canela fina —
Vive pra desperta todos os bichos do campo...
Cochila seguro numa perna só
Num descuido desce a oura
Desperta logo: — Té-te-téu!

Todos respondem: — Té-te-téu!
— Sentinela das matas... dos campos...
Sineta suspensa badalando na noite: — Té-te-téu!

Sobre o açude
Pinicando no terreiro
Perseguindo gaviões badalando dezenas de sinetas
Revoando em bando no espaço incendiado do sertão sem nuvens

Num alvoroço de alarme:

Té... téu! Té... téu!
 Té... téu! Té... téu!
 Té... téu! Té... téu!
Té... téu! Té... téu!
Té... téu! Té... téu!

RODAS DE LEITURAS NORDESTINAS

LEITURAS DO RIO GRANDE DO NORTE

Bois Dormindo (I) (Zila Mamede)

a Tomé Filgueira

A paz dos bois dormindo era tamanha
(mas grave era a tristeza de seu sono)
e tanto era o silêncio da campina
que se ouviam nascer as açucenas.

No sono dos bois seguiam tangerinos
que abandonando relhos e cichotes
tangiam-nos serenos com as cantigas
aboiadeiras e um bastão de lírios.

Os bois assim dormindo caminhavam
destino não de bois mas de meninos
libertos que vadiassem chão de feno;

e ausentes de limites e porteiras
arquitetassem sonhos (sem currais)
nessa paz outonal de bois dormindo.

A PONTE (Zila Mamede)

Salto esculpido
sobre o vão
do espaço
de pedra e de aço
onde não
permaneço
– p a s s o.

Rodas de Leituras Potiguaras
apresenta:

Graça Graúna



Maria das Graças Ferreira nasceu em São José do Rio Campestre, RN. Filha de Tupã, Potiguara, professora, escritora, pesquisadora dos direitos humanos, doutora em Letras pela UFPE e pós-doutora em Literatura, Educação e Direitos Indígenas pela UMESP. Publicou “Flor da mata” (2014), “Contrapontos da literatura indígena contemporânea no Brasil” (2013), “Criaturas de Ñanderu” (2010), “Tear da palavra (2007)”, “Tessituras da terra (2001)” e “Canto mestizo” (1999).

Identidade

Agora e pela hora
da minha agonia
louvo Trindade
e Jorge de Lima
cantando
catando
as penas
só

_ De onde vem, Solano, esta agonia?

_ De muito longe, nêga,
de Afroamérica sonhada
lá donde crece la palma
plantada em versos de alma
del hombre José Martí

_ De onde vem, Solano, esta agonia?

_ Vem de longe, nêga,
do comecinho das coisas
de muito longe, minha nega,
muito longe

RODAS DE LEITURAS NORDESTINAS

LEITURAS DO RIO GRANDE DO NORTE

Dores d'África (Graça Graúna)

Eh, meu pai!
Em vez de prantos
é melhor que cantemos.

Eh, meu pai!
É melhor que cantemos
a dor contínua
a solidária luta
de poetas-bantos
contra a tirania

Caos climático (Graça Graúna)

É temerário descartar
a memória das Águas
o grito da Terra
o chamado do Fogo
o clamor do Ar.

As folhas secas rangem sob os
nossos pés.
Na ressonância o elo da nossa dor
em meio ao caos
a pavorosa imagem
de que somos capazes de expor
a nossa ganância
até não mais ouvir
nem mais chorar
nem meditar,
nem cantar...
só ganância, mais nada.

Nem Mais Nem Menos (Graça Graúna)

Um homem, uma mulher
são o que são:
palimpsestos
pássaros
deuses
mágicos
videntes
astro/estrela
de Altamira a Lascoux
Asteca/Pankararu
Fulni-ô/Xavante
Potiguar, quem sabe?
Íntimos irmãos da terra
salvaguardam o limo das pedras
o vôo dos peixes
e os sagrados rios navegáveis

RODAS DE LEITURAS NORDESTINAS

LEITURAS DO RIO GRANDE DO NORTE

**Era uma vez
(Graça Graúna)**

Um pernil de carneiro
retalhado em fatias
aos que foram chegando
cada vez mais estrangeiros.

No vai-e-vem de troncos
quantas nações em prantos !
E os homens-daninhos
Seduzindo a taba.

Grávidos de malícia
sedentos de guerra
dançam a falsidade
esterilizam a festa.

De quinto a quinhentos
o ouro encantou-se.
Plastificaram o verde
pavimentaram o destino.

E foi acontecendo
e escurecendo,
mas de manhã, bem cedinho
além da Grande Água
vi um curumim sonhando
com Yvy-Marãey formosa.

**Macunaíma
(Graça Graúna)**

Do fundo da mata virgem
ele ri mui gostosamente alto
e diz: – ai que preguiça!
Coisa de sarapantar
os sons e os sentidos
espalham-se
um
três
trezentos
amarelos
brancos
pretos retintos
pícaros/ícaros
Brasil
brazis
crias de um homem submerso



RODAS DE LEITURAS DO MARANHÃO

RODAS DE LEITURAS NORDESTINAS

LEITURAS MARANHENSES

Canção do Tamoio (Gonçalves Dias)

I
Não chores, meu filho;
Não chores, que a vida
É luta renhida:
Viver é lutar.
A vida é combate,
Que os fracos abate,
Que os fortes, os bravos
Só pode exaltar.

II
Um dia vivemos!
E o homem que é forte
Não teme da morte;
Só teme fugir;
No arco que entesa
Tem certa uma presa,
Quer seja tapuia,
Condor ou tapir.

III
O forte, o cobarde
Seus feitos inveja
De o ver na peleja
Garboso e feroz;
E os tímidos velhos
Nos graves concelhos,
Curvadas as fronte,
Escutam-lhe a voz!

IV
Domina, se vive;
Se morre, descansa
Dos seus na lembrança,
Na voz do porvir.
Não cures da vida!
Sê bravo, sê forte!
Não fujas da morte,
Que a morte há de vir!

V
E pois que és meu filho,
Meus brios reveste;
Tamoio nasceste,
Valente serás.
Sê duro guerreiro,
Robusto, fragueiro,
Brasão dos tamoios
Na guerra e na paz.

VI
Teu grito de guerra
Retumbe aos ouvidos
D'imigos transidos
Por vil comoção;
E tremam d'ouvi-lo
Pior que o sibilo
Das setas ligeiras,
Pior que o trovão.

(continua)

RODAS DE LEITURAS NORDESTINAS

LEITURAS MARANHENSES

(cont.)

VII

E a mãe nessas tabas,
Querendo calados
Os filhos criados
Na lei do terror;
Teu nome lhes diga,
Que a gente inimiga
Talvez não escute
Sem pranto, sem dor!

VIII

Porém se a fortuna,
Traíndo teus passos,
Te arroja nos laços
Do inimigo falaz!
Na última hora
Teus feitos memora,
Tranqüilo nos gestos,
Impávido, audaz.

IX

E cai como o tronco
Do raio tocado,
Partido, rojado
Por larga extensão;
Assim morre o forte!
No passo da morte
Triunfa, conquista
Mais alto brasão.

X

As armas ensaia,
Penetra na vida:
Pesada ou querida,
Viver é lutar.
Se o duro combate
Os fracos abate,
Aos fortes, aos bravos,
Só pode exaltar.

RODAS DE LEITURAS NORDESTINAS

LEITURAS MARANHENSES

Rodas de Leituras Maranhenses
apresenta:

Maria Firmino Reis



Maria Firmina dos Reis nasceu na Ilha de São Luís, no Maranhão, em 11 de março de 1822. Em 1859, publicou o romance “Úrsula” considerado o primeiro romance de uma autora do Brasil. Em 1887, publicou na Revista Maranhense o conto “A Escrava”, no qual se descreve uma participante ativa da causa abolicionista.

Esquece-a

Amor é gozo ligeiro,
Mas é grato e lisonjeiro
Como o sorriso infantil;
Promessa doce, e mentida,

Alenta, destrói a vida;
É um delírio febril.
Muito te amei... minha lira,
Que triste agora suspira,

Nesta erma solidão,
Bem sabes — rica de flores,
Cantava os ternos amores,
Do meu terno coração.

Minha afeição era pura.
Não era engano, cordura,
Não era afeto mentido;

Se ela assim te não cativa.
Esquece-a, que sou altiva,
Esquece-a, sim — fementido.

RODAS DE LEITURAS NORDESTINAS

LEITURAS MARANHENSES

Seu Nome

(Maria Firmino Reis)

Seu nome! em repeti-lo a planta, a erva,
A fonte, a solidão, o mar, a brisa
Meu peito se extasia!
Seu nome é meu alento, é-me deleite;
Seu nome, se o repito, é dúlia nota
De infinda melodia.

Seu nome! vejo-o escrito em letras d'ouro
No azul sideral à noite quando
Medito à beira-mar:
E sobre as mansas águas debruçada,
Melancólica, e bela eu vejo a lua,
Na praia a se mirar.

Seu nome! é minha glória, é meu porvir,
Minha esperança, e ambição é ele,
Meu sonho, meu amor!
Seu nome afina as cordas de minh'harpa,
Exalta a minha mente, e a embriaga
De poético odor.

Seu nome! embora vague esta minha alma
Em páramos desertos, - ou medite
Em bronca solidão:
Seu nome é minha idéia - em vão tentara
Roubar-mo alguém do peito - em vão - repito,
Seu nome é meu condão.

Quando baixar benéfico a meu leito,
Esse anjo de deus, pálido, e triste
Amigo derradeiro.
No seu último arcar, no extremo alento,
Há de seu nome pronunciar meus lábios,
Seu nome todo inteiro!...

RODAS DE LEITURAS NORDESTINAS

LEITURAS MARANHENSES

Ah! Não Posso
(Maria Firmino Reis)

Se uma frase se pudesse
Do meu peito destacar;
Uma frase misteriosa
Como o gemido do mar,
Em noite erma, e saudosa,
De meigo, e doce luar.
Ah! se pudesse!... mas muda
Sou, por lei, que me impõe Deus!
Essa frase maga encerra,
Resume os afetos meus;
Exprime o gozo dos anjos,
Extremos puros dos céus.

Entretanto, ela é meu sonho,
Meu ideal inda é ela;
Menos a vida eu amara
Embora fosse ela bela.
Como rubro diamante,
Sob finíssima tela.

Se dizê-la é meu empenho,
Reprimi-la é meu dever:
Se se escapar dos meus lábios,
Oh! Deus, - fazei-me morrer!
Que eu pronunciando-a não posso
Mais sobre a terra viver.

RODAS DE LEITURAS NORDESTINAS

LEITURAS MARANHENSES

Músculos e Nervos

Alúcio Azevedo

Terminava a primeira parte do espetáculo, quando D. Olímpia entrou no circo, pelo braço do pai.

Havia grande enchente. O público vibrava ainda sob a impressão do último trabalho exibido, que devia ter sido maravilhoso, porque o entusiasmo explodia por toda a platéia e de todos os lados gritavam ferozmente: “Scot! À cena Scot!” Dois sujeitos de libré azul com alamares dourados conduziam para o interior do teatro um cavalo que acabava de servir. Muitos espectadores, de chapéu no alto da cabeça, estavam de pé e batiam com a bengala nas costas das cadeiras; as cocotes pareciam loucas e soltavam guinchos, que ninguém entendia; das galerias trovejava um barulho infernal, e, por entre aquela descarga atroadora, só o nome do idolatrado acrobata sobressaía, exclamado com delírio por mil vozes.

– Scot! Scot!

Olímpia sentiu-se aturdida; o pai, no íntimo, arrendia-se de lhe ter feito a vontade, consentindo em levá-la ao circo, mas o médico recomendara tanto que não a contrariassem... e ela havia mostrado tanto empenho no capricho de ir aquela noite ao Politeama...

De repente, um grito uníssono partiu da multidão. Estalaram as palmas com mais ímpetos; choveram chapéus; arremessaram-se leques e ramalhetes, Scot havia reaparecido.

– Bravo! Bravo, Scot!

E os aplausos recrudesceram ainda.

O ginasta, que entrara de carreira, parou em meio da arena, aprumou o corpo, sacudiu a cabeleira anelada, e, voltando-se para a direita e para a esquerda, atirava beijos, sorrindo, no meio daquela tempestade gloriosa.

Depois de agradecer, estalou graciosamente os dedos e retirou-se de costas, a dar cambalhotas no ar.

Desencadeou-se de novo a fúria dos seus admiradores, e ele teve de voltar à cena ainda uma vez, mais outra, cada vez mais triunfante.

Olímpia, entretanto, com a cabeça pendida para a frente, o olhar fito, os lábios entreabertos, dir-se-ia hipnotizada, tal era a sua imobilidade. O pai tentou chamá-la à conversa; ela respondeu por monossílabos.

– Queres... vamos embora.

– Não.

RODAS DE LEITURAS NORDESTINAS

LEITURAS MARANHENSES

Na segunda parte do espetáculo, a moça parecia divertir-se. Não desprezava a vista de Scot, a quem cabia a melhor parte dos trabalhos da noite.

O mais famoso era a sorte dos vôos. Consistia em dependurar-se ele de um trapézio muito alto, deixar-se arrebatar pelo espaço e, em meio do trajeto, soltar as mãos, dar uma cambalhota e ir agarrar-se a um outro trapézio que o esperava do lado oposto.

Cada um destes saltos levantava sempre uma explosão de bravos.

Scot havia feito já; por duas vezes, o seu vôo arriscado; faltava-lhe o último e o mais perigoso. Diferenciava este dos primeiros em que o acrobata, em vez de lançar-se de frente, tinha de ir de costas e voltar-se no ar, para alcançar o trapézio fronteiro.

O público palpitava ansioso, até que Scot afinal assomou no alto trampolim armado nas torrinhas, junto ao teto.

Cavou-se logo um fundo silêncio nos espectadores. Os corações batiam com sobressalto; todos os olhos estavam cravados na esbelta figura do artista, que, lá muito em cima, parecia, nas suas roupas justas de meia, a estátua de uma divindade olímpica. Destacava-se-lhe bem o largo peito, hercúleo, guardado pelos grossos braços nus, em contraste com os rins estreitos, mais estreitos que as suas nervosas coxas, cujos músculos de aço se encapelavam ao menor movimento do corpo.

Com uma das mãos ele segurava o trapézio, enquanto com a outra limpava o suor da testa. Depois, tranqüilamente, sem o menor abalo, prendeu o lenço à sua cinta bordada e de lantejoulas e deu volta ao corpo.

Ouvia-se a respiração ofegante do público.

Scot sacudiu o braço do trapézio, experimentando-o, puxou-o afinal contra o colo e deixou-se arrebatar de costas.

Em meio do circo despreendeu-se, gritou: “Hop!” deu uma volta no ar e lançou-se de braços estendidos para o outro trapézio.

Mas, o vôo fora mal calculado, e o acrobata não encontrou onde agarrar-se.

Um terrível bramido, como de cem tigres a que rasgassem a um só tempo o coração, ecoou por todo o teatro. Viu-se a bela figura de Scot, um instante solta no espaço, virar para baixo a cabeça e cair na arena, estatelada, com as pernas abertas.

O recinto do circo encheu-se logo. Nos camarotes mulheres desmaiaram, em gritos; algumas pessoas fugiam espavoridas, como se houvesse um incêndio; outras jaziam pálidias, a boca aberta e a voz gelada na garganta.

RODAS DE LEITURAS NORDESTINAS

LEITURAS MARANHENSES

Ninguém mais se entendia; nas torrinhas passavam uns por cima dos outros, numa avidez aterrada, disputando ver se conseguiam distinguir o acrobata.

Este, todavia, sem acordo e quase sem vida, agonizava por terra, a vomitar sangue.

Olímpia, lívida, trêmula, estonteada, quando deu por si, achou-se, sem saber como, ao lado do moribundo. Ajoelhou-se no chão, tomou-lhe a cabeça no regaço, e vergou-se toda sobre ele, procurando sentir nas faces frias o derradeiro calor daquele belo corpo escultural e másculo. E, desatinada, ofegante, apalpava-lhe o peito, o rosto, a brônzea carne dos braços, e, com um grito de extrema agonia, molhava a boca no sangue que ele expelia pela boca.

Scot teve um estremecimento geral de corpo, contraiu-se, vergou a cabeça para trás, volveu para a moça os seus límpidos olhos comovidos, agora turvados pela morte, soltou o gemido derradeiro.

E o corpo do acrobata escapou das mãos finas de Olímpia, inanimado.

RODAS DE LEITURAS NORDESTINAS

LEITURAS MARANHENSES

Poema Brasileiro (Ferreira Gullar)

No Piauí de cada 100 crianças que nascem
78 morrem antes de completar 8 anos de idade
No Piauí
de cada 100 crianças que nascem
78 morrem antes de completar 8 anos de idade
No Piauí
de cada 100 crianças
que nascem
78 morrem
antes
de completar 8 anos de idade
antes de completar 8 anos de idade
antes de completar 8 anos de idade
antes de completar 8 anos de idade

Poemas Neoconcretos (Ferreira Gullar)

mar azul
mar azul marco azul
mar azul marco azul barco azul
mar azul marco azul barco azul arco azul
mar azul marco azul barco azul arco azul ar azul

RODAS DE LEITURAS NORDESTINAS

LEITURAS MARANHENSES

**Meu povo, meu poema
(Ferreira Gullar)**

Meu povo
e meu poema crescem juntos
como cresce no fruto
a árvore nova

No povo meu poema
vai nascendo
como no canavial
nasce verde o açúcar

No povo meu poema
está maduro
como o sol
na garganta do futuro

Meu povo em meu poema
se reflete
como a espiga
se funde em terra fértil

Ao povo seu poema aqui
devolvo
menos como quem canta
do que planta

antes de completar 8 anos de idade

RODAS DE LEITURAS NORDESTINAS

LEITURAS MARANHENSES

O INCÔMODO SILÊNCIO

(José Neres)

Geralmente, as pessoas reclamam do excesso de barulho a incomodar as boas e reconfortantes noites de sono. Quando se trata de uma festa ou de qualquer outro evento mal programado, é comum que um vizinho menos festeiro pegue o telefone e faça uma denúncia anônima para uma espécie de Disk-Silêncio. Em boa parte dos casos o problema é prontamente resolvido, e as pessoas incomodadas podem desfrutar de seu tranqüilo e restaurador sono.

No entanto, há algo que incomoda muito mais que o barulho das festas: o silêncio cultural que envolve todo o nosso estado. E isso, infelizmente, uma simples denúncia não tem o poder de solucionar.

O Maranhão é nacionalmente conhecido por oferecer ao Brasil como um todo nomes de inegável valor artístico. Na música, nas letras, nas artes plásticas ou em qualquer outra forma de expressão artístico-cultural há sempre um ou mais nomes de personalidades maranhenses a constar da lista dos mais significativos expoentes da plêiade. Contudo, quando se trata de divulgar seus valores dentro do próprio Estado, parece que o adágio popular que diz que “santo de casa não faz milagres” é levado bastante a sério.

Pouco parece importar se todos os anos dezenas de livros são publicados, se várias exposições são organizadas, se alguns CDs são lançados e se inúmeras palestras são proferidas. Os artistas, com muito esforço, conseguem alguns espaços na mídia, mas a divulgação se limita à indicação do local e da data do evento, seguidos de alguns comentários bem gerais e, normalmente, isentos de qualquer senso crítico. Passada a euforia da exposição de seu trabalho ao público, o artista novamente se vê relegado ao limbo do ostracismo. O silêncio que paira sobre sua produção intelectual supera em muito os esforços despendidos para a divulgação da mesma. Por causa disso, não é incomum encontrar pessoas de promissor talento que deixaram de publicar seus trabalhos e que trocaram a alegria das experiências artísticas pela dor da decepção.

Em casos assim, engavetar projetos torna-se o meio mais simples de evitar o constrangimento de se ver sozinho com a família e alguns poucos amigos no meio de um salão, durante uma solenidade projetada para dezenas de pessoas. Quando o dono do evento já tem um nome consolidado ou tem contatos com a mídia, consegue uma boa divulgação, concede entrevistas à imprensa e tem

RODAS DE LEITURAS NORDESTINAS

LEITURAS MARANHENSES

alguns poucos minutos de glória, mas nem isso é garantia de público. Mesmo quando há um bom número de pessoas presentes à exposição, ao show ou ao lançamento, fica sempre presente na cabeça do artista a quase certeza de que uma semana após a festividade seu nome continuará tão esquecido quanto antes.

Folheando os jornais diários, qualquer leitor poderá encontrar uma grande quantidade de páginas destinadas ao colunismo social, às festas de uma elite economicamente dominante, aos resultados dos jogos... e quase nada destinado aos aspectos culturais e à divulgação de ideias verdadeiramente relevantes. Mais uma prova de que as futilidades do dia-a-dia são bem mais importantes que as tentativas de produzir algo que contribua com a formação geral do povo.

Infelizmente, enquanto muitos vivem preocupando-se com os ruídos das festas e das casas de espetáculos – algo fácil de ser resolvido – a maioria das pessoas dorme tranquilamente embaladas pelo assombroso silêncio cultural que serve, ao mesmo tempo, de véu, máscara e mortalha para um povo que outrora se orgulhava de poder passear de cabeça erguida por um estado que tinha como capital uma agora quase esquecida Atenas Brasileira.

É... Esse tipo de silêncio realmente incomoda! E como incomoda...

A stylized map of the state of Piauí, Brazil, rendered in a dark brown color. A specific region in the central-western part of the state is highlighted in a solid black color. The map is centered on a solid orange background.

**RODAS DE LEITURAS
DO PIAUI**

RODAS DE LEITURAS NORDESTINAS

LEITURAS PIAUIENSES

A Alma Do Sino

(Maria Isabel Gonçalves de Vilhena)

O sino canta!...
O sino está dizendo,
Numa voz de festivo repicar,
Que alguém chegou e vai se batizar.
Numa alegria doida de criança,
A voz do sino é um canto de esperança!
O sino vibra!
O sino vai cantando
Um hino de inocente contrição!
A capela da igreja encheu-se da revoada
De crianças de véu e de grinalda,
Que vão fazer a sua comunhão!
A voz do sino sai purificada
Como o sol, ao romper da madrugada!
O sino chora!...
O sino faz chorar ...
O sino entoia o derradeiro canto:
A prece da saudade, em voz de pranto!
E, soluçando, o sino vai dizendo
Que alguém partiu ... e que não vai voltar.

RODAS DE LEITURAS NORDESTINAS

LEITURAS PIAUIENSES

Hino do Piauí
(Da Costa e Silva)

Salve a terra que aos céus arrebatas
Nossas almas nos dons que possuis
A esperança nos verdes das matas
A saudade das serras azuis

(refrão) Piauí, terra querida
Filha do Sol do Equador
Pertencem-te a nossa vida
Nosso sonho, nosso amor!
As águas do Parnaíba
Rio abaixo, rio arriba
Espalhem pelo sertão
E levem pelas quebradas
Pelas várzeas e chapadas
Teu canto de exaltação

Desbravando-te os campos distantes
Na missão do trabalho e da paz
A aventura de dois bandeirantes
A semente da pátria nos traz

(refrão)
Sob o céu de imortal claridade

Nosso sangue vertemos por ti
Vendo a pátria pedir liberdade
O primeiro que luta é o Piauí
(refrão)
Possas tu no trabalho fecundo
E com fé, fazer sempre melhor
Para que no concerto do mundo
O Brasil seja ainda maior

(refrão)
Possas tu conservando a pureza
Do teu povo leal progredir
Envolvendo na mesma grandeza
O passado, o presente e o porvir!

RODAS DE LEITURAS NORDESTINAS

LEITURAS PIAUIENSES

Dois Poemas Para Depois... (Nerina Castelo Branco)

Quero toda a sensibilidade do mundo,
Entre mim, você e o infinito...
Nada mais! Como exceção,
Os voos dos pássaros

Tão bom meu mundo de lembranças,
Sem amargores e maus presságios;
Feliz, inteiro, no conjugar do verbo amar...

Tão bom meu mundo pretérito,
Que me trouxe ao hoje,
No afago da luz metafísica,
De tudo quanto é bom...
FELIZ, inteiro, no conjugar
Do verbo amar...

O mundo que venci deu-me um amor (Mário Faustino)

O mundo que eu venci deu-me um amor,
Um troféu perigoso, este cavalo
Carregado de infantes couraçados.
O mundo que venci deu-me um amor
Alado galopando em céus irados,
Por cima de qualquer muro de credo.
Por cima de qualquer fosso de sexo.

O mundo que venci deu-me um amor
Amor feito de insulto e pranto e riso,
Amor que força as portas dos infernos,
Amor que galga o cume ao paraíso.
Amor que dorme e treme. Que desperta
E torna contra mim, e me devora
E me ruma em cantos de vitória...

RODAS DE LEITURAS NORDESTINAS

LEITURAS PIAUIENSES

Rodas de Leituras Piauienses
apresenta:

H. Dobal



Os Refugiados

As cinco almas
desta família
de morada em morada
vão passageiras.
Vão despojados
das armas da vida.
Arranchados na sombra
da luz mais crua
do dia mais turvo
se refugiam.
Sob o vão das telhas
se refugiam
de nenhuma guerra.
no campo maior
não lhes dói parar
e param sem medo
entre dois tempos:
seu próprio tempo
que não se estanca,
e o outro o de todos
parado há tanto.

O poeta Hindemburgo Dobal Teixeira nasceu em Teresina, em 1927. Destacou-se como um dos fundadores do Movimento Meridiano, atuando como diretor da revista de mesmo nome, revista Meridiano, que, de acordo com o crítico literário e antologista Assis Brasil, foi um porta-voz dos modernos escritores piauienses. Publicou seu primeiro livro, O Tempo Conseqüente, em 1966 e em 1970, O Dia Sem Presságios. Pertencia à Academia Piauiense de Letras e à Academia Brasileira de Letras.

RODAS DE LEITURAS NORDESTINAS

LEITURAS PIAUIENSES

BR-22

(H. Dobal)

Vermelha a estrada vence a manhã
dos carnaubais. Pássaros cantam
seu monótono canto e o silêncio depois
na dura chama do sol pranteia o dia.
Campos sem termo onde outrora os gados
se espalhavam.
vaquejadores desertos.
os fuzis do vento
partindo o silêncio das carnaubeiras
já sem valor
a cera parda
a cera flor
e a o sol a solidão a poeira vermelha
na esteira dos carros. Passam pobreza
neste carreiro de caminhões.
Em seus alpendres onde os arreios se perduram
brancas de cal as casas de fazenda
vão passando. Passou o dinheiro
das arroubas de cera das arroubas de gado
e sobre os campos da BR-22
vermelha a poeira se espalha

Transeunte

H. Dobal

Transeunte numa cidade sem ruas,
é apenas um homem, apenas uma mulher.
A vida pesada cai sobre
os seus ombros cansados. Levados
de uma incerteza a outra incerteza,
de uma angústia a outra angústia,
no amargo sonho desta vida
pedindo ao verão o refrigério das sombras.

RODAS DE LEITURAS NORDESTINAS

LEITURAS PIAUIENSES

Geleia Geral (Torquato Neto)

Um poeta desfolha a bandeira e a manhã tropical se inicia
Resplandente, cadente, fagueira num calor girassol com alegria
Na geléia geral brasileira que o Jornal do Brasil anuncia

Ê, bumba-yê-yê-boi ano que vem, mês que foi
Ê, bumba-yê-yê-yê é a mesma dança, meu boi

A alegria é a prova dos nove e a tristeza é teu porto seguro
Minha terra é onde o sol é mais limpo e Mangueira é onde o samba é mais puro
Tumbadora na selva-selvagem, Pindorama, país do futuro

Ê, bumba-yê-yê-boi ano que vem, mês que foi
Ê, bumba-yê-yê-yê é a mesma dança, meu boi

É a mesma dança na sala, no Canecão, na TV
E quem não dança não fala, assiste a tudo e se cala
Não vê no meio da sala as relíquias do Brasil:
Doce mulata malvada, um LP de Sinatra, maracujá, mês de abril
Santo barroco baiano, superpoder de paisano, formiplac e céu de anil
Três destaques da Portela, carne-seca na janela, alguém que chora por mim
Um carnaval de verdade, hospitaleira amizade, brutalidade jardim

Ê, bumba-yê-yê-boi ano que vem, mês que foi
Ê, bumba-yê-yê-yê é a mesma dança, meu boi

Plurialva, contente e brejeira miss linda Brasil diz "bom dia"
E outra moça também, Carolina, da janela examina a folia
Salve o lindo pendão dos seus olhos e a saúde que o olhar irradia

Ê, bumba-yê-yê-boi ano que vem, mês que foi
Ê, bumba-yê-yê-yê é a mesma dança, meu boi

Cont.

RODAS DE LEITURAS NORDESTINAS

LEITURAS PIAUIENSES

Um poeta desfolha a bandeira e eu me sinto melhor colorido
Pego um jato, viajo, arrebento com o roteiro do sexto sentido
Voz do morro, pilão de concreto tropicália, bananas ao vento

Ê, bumba-yê-yê-boi ano que vem, mês que foi
Ê, bumba-yê-yê-yê é a mesma dança, meu boi

Poema Do Aviso Final (Torquato Neto)

É preciso que haja alguma coisa
alimentando o meu povo;
uma vontade
uma certeza
uma qualquer esperança.
É preciso que alguma coisa atraia
a vida
ou tudo será posto de lado
e na procura da vida
a morte virá na frente
a abrirá caminhos.
É preciso que haja algum respeito,
ao menos um esboço
ou a dignidade humana se afirmará
a machadadas.

RODAS DE LEITURAS NORDESTINAS

LEITURAS PIAUIENSES

Rodas de Leituras Piauienses

apresenta:

Luíza Cantanhede



A Cabaça

Sou essa terra de chão batido
Esse sertão da língua de cinza

A fome alada, o Carcará

Sou esse deserto de poeiras
longínquas
Sou água na cabaça, o arame
Farpado, cercando o latifúndio
De sol e estrada

Sou esse fruto no avesso da
Terra plantada.

Luíza Cantanhede chegou em Teresina em 1983, onde vive até hoje. A poeta e escritora é reconhecida nacionalmente, sendo autora dos livros “Palafitas”(2016), “Amanhã, serei uma flor insana” (2018) e “Pequeno ensaio moroso” (2019). Recebeu Menção honrosa no prêmio “Poeta H.Dobal” 2017, pela Academia Piauiense de Letras. Foi premiada no Concurso “Novos poetas Maranhenses” pela Associação maranhense de escritores independentes (2018 e 2019), além dos prêmios “Vicente de Carvalho” (2018) e “Álvares de Azevedo” (2019), pela União Brasileira de escritores-UBE/RJ.

RODAS DE LEITURAS NORDESTINAS

LEITURAS PIAUIENSES

Um Poema Quase (Luiza Cantanhede)

Não fosse esse gosto
De chumbo derretido
Na boca
A mão estendida
Humilhada e com fome
Não fosse esse chão duro
Os ossos duros de roer
Não fosse o corpo das
Marieles, Camillas
Arethas, Emiles
Das Tânicas, Dandaras
Marias
Não fosse a miséria
No mapa dos continentes
Não fosse esse grito preso
Essa indignação
Essa impotência
(O silêncio que asfixia)
Eu diria que isto é quase
Um poema.

Treinamento (Luiza Cantanhede)

Na barriga de minha mãe
Eu andava pelos babaçuais
do Maranhão
Não sabia ainda a função
do machado
O coco aberto e ferido
O azeite

Depois conheci a fome
E a lâmina.

RODAS DE LEITURAS NORDESTINAS

LEITURAS PIAUIENSES

Rodas de Leituras Piauienses

apresenta:

Noé Filho



O mofo

O mofo tomou de conta
Multiplicou-se
Nos quentes corações
De cada teresinense

Hoje até eu estou bolorado
Com o swing da sinfonia
Que contamina as ruas de
Teresina

Na minha pele sinto
Mofos de todas as cores
Dos movimentos da
Minha cidade

Os verdadeiros rios
E o nosso pujante sol
Hão de alimentar
Quem faz do movo, vida

Nasceu em 20 de dezembro de 1990, em Teresina-PI, mas passou a infância em Socorro do Piauí, Manoel Emídio e Canto do Buriti. Idealizador e Coordenador da Geleia Total, Noé, embora não se considere um artista, está tão imerso nas artes quanto os artistas. Apaixonado pela criação, Noé arrisca, de quando em vez, escrever algumas palavras. Um bairrista e curioso irrecuperável que nunca se cansa de consumir arte. Acredita que é por meio da valorização da nossa arte e da nossa cultura que o Piauí poderá crescer e se desenvolver cada vez mais

RODAS DE LEITURAS NORDESTINAS

LEITURAS PIAUIENSES

o piauhy morre aos domingos
(Noé Filho)

os sangues verdes e negros
que poderiam correr em nossas veias
morreram aos domingos
ao som de bandeiras selvagens
cruz ao centro
escorrendo pólvora e gritos
o importante é saber
que o piauí não depende mais dos céus
para correr
mas o piauhy sempre há de morrer
pelos domingos
para renascer às esperanças ladinas

O libertar da corpa bixa travesti
(Ayra Dias)

Vivemos enclausuradas, presas num lugar sem sentido
Até que começamos a entender nosso corpo bixa
Corpo que pede para se libertar das amarras da cristandade cis hétero branco
capitalista
Corpo que transgride a barreira do status quo
O ser que sai da caverna e enxerga a luz
Luz que cobre seu rosto e o corpo
corpa bixa que rompeu com a igreja
corpa negra que rompeu com o monoteísmo
e com a monogamia
Sou a corpa travesti que é fruto de muitas transgressões
Corpa que luta dia e noite contra as opressões
Corpa que as vezes perde a guerra
E tem sua corpa
Sequestrada pelos dados das últimas 24 horas
Corpa que morre e que luta
Corpa que resiste
Corpa bixa travesti

REFERÊNCIAS

ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. **Rachel de Queiroz** : Biografia. 2017. Disponível em: <https://www.academia.org.br/academicos/rachel-de-queiroz/biografia> Acesso em: 30 maio 2021

AGÊNCIA BRASIL. **Dia da Poesia**: magia do cordel atravessa gerações. A Crítica de Campo Grande. 2021. Disponível em: <https://www.acritica.net/editorias/geral/dia-da-poesiamagia-do-cordel-atraversa-geracoes-0816c68d14a16ab01c1d91/513534/> Acesso em: 30 maio 2021

AIDAR, Laura. Patativa do Assaré: 8 poemas analisados. **Cultura Genial**. Disponível em: <https://www.culturagenial.com/patativa-do-assare-poemas/> Acesso em: 30 maio 2021

AIDAR, Laura. Poemas Escolhidos de Gregório de Matos. **Cultura Genial**. Disponível em: <https://www.culturagenial.com/poemas-escolhidos-de-gregorio-de-matos/> Acesso em: 24 maio 2021

ALMEIDA, Socorro. Artigo sobre o livro "Roteiro sentimental", de Ronaldo Cunha Lima. **Blog Literatura em Movimento**. 2012. Disponível em: <http://literaturaemmovimento.blogspot.com/>

ALVES, Castro. Textos Escolhidos. **Academia Brasileira de Letras**. Disponível em: <https://www.academia.org.br/academicos/castro-alves/textos-escolhidos> Acesso em: 29 maio 2021

ALVES, Castro. Morena Flor. **Durvalina Coelho**, 2015. Disponível em: <https://durvalinacoelho.blogspot.com/2015/04/poemas-de-castro-alves-pesquisa-escolar.html> Acesso em: 20 maio 2021

ALMA ACREANA. **Poemas de Torquato Neto**. 2018. Disponível em: <https://almaacreana.blogspot.com/2018/03/poemas-de-torquato-neto.html> Acesso em: 15 jul. 2021

ARRAES, Jarid. Graça. In **Redemoinho em Dia Quente**. Editora. SP: Alfaguara, 2019.

ARRAES, Jarid. Oráculo. **Poemas**. 2019. Disponível em:
<https://jaridarraes.com/oraculo/> Acesso em: 07 jun. 2021

ASSOCIAÇÃO DE POETAS ESCRITORES SIMPATIZANTES E COLABORADORES. **Belíssimos Sonetos de Francisca Araújo**. Blog da APOESC. 2017. Disponível em: 04 maio 2021
<http://apoesc.blogspot.com/2017/10/belissimos-sonetos-de-francisca-araujo.html>

AULUSMM. Poemas de Torquato Neto [1944-1972]. **Aeroplanos da Birmânia**. 2016. Disponível em:
<https://wp.ufpel.edu.br/aulusmm/2016/03/28/poemas-de-torquato-neto-1944-1972/> Acesso em: 13 jul. 2021

AZEVEDO, Aluísio. Músculos e Nervos. **Conto Brasileiro**: contos crônicas e poesias de autores brasileiros. 2016. Disponível em:
<https://contobrasileiro.com.br/tag/conto-de-aluisio-azevedo/> Acesso em: 03 jul. 2021

AZEVEDO, Janaína. **Marias**. João Pessoa: Editora Universitária, 1999. Disponível em:
https://cpcon.uepb.edu.br/concursos/vestibulares/vest2012/Marias_Janaina_Azevedo.pdf

BARRETO, Luiz Antionio. João Sapateiro. **Folha Laranjeirense**. 2016. Disponível em: <https://kokalaranjeiras.blogspot.com/2016/06/joao-sapateiro.html> Acesso em: 07 jun. 2021

BESSA, Bráulio. **Poesia que transforma** [recurso eletrônico] Bráulio Bessa. 1. ed. Rio de Janeiro: Sextante, 2018.

CAVALCANTE, Amaral. **A vida me quer bem**: crônicas da vida sergipana. Aracaju: Editora Diário Oficial do Estado de Sergipe, Edise, 2019. Disponível em: <https://segrase.se.gov.br/edise> Acesso em: 07 jun. 2021

CARVALHO JUNIOR. 4 poemas de Luiza Cantanhede. **Quatete** – Página brasileira de poesia do mundo. 2018. Disponível em:

<https://quatete.wordpress.com/2018/05/13/4-poemas-de-luiza-cantanhede/>
Acesso em: 10 jul. 2021

COPPI, Dione. Poema da Enunciação da Primavera. 2019. **Gotas de Poesias e Outras Essências**. Anilda Leão. Disponível em:
<http://vita-gotasdepoesia.blogspot.com/search/label/Anilda%20Le%C3%A3o>
Acesso em: 01 jun. 2021

COPPI, Dione. Poema das Horas Mortas. 2011. **Gotas de Poesias e Outras Essências**. Anilda Leão. Disponível em:
<http://vita-gotasdepoesia.blogspot.com/search/label/Anilda%20Le%C3%A3o>
Acesso em: 07 jun. 2021

COPPI, Dione. Anilda Leão. Promessa. 2011. **Gotas de Poesias e Outras Essências**. Anilda Leão. Disponível em:
<http://vita-gotasdepoesia.blogspot.com/search/label/Anilda%20Le%C3%A3o>
ESCRITAS.

DA COSTA E SILVA, Alberto. Da Costa e Silva – poemas. **Jornal de poesia**. Disponível em: <https://www.revistaprosaveroarte.com/da-costa-e-silva-poemas/> Acesso em: 05 jul. 2021

DANTAS, Carmen Lúcia (coord.). Poemas de Arriete Vilela. **Poesia dos Brasis**, 2019. Disponível em:
http://www.antoniomiranda.com.br/poesia_brasis/alagoas/arriete_vilela.html
Acesso em: 01 junho 2021

DIAS, Ayra. O libertar da corpa bixa travesti. **Geleia Total**. 2020. Disponível em:
<https://www.geleiatotal.com.br/2020/08/03/o-libertar-da-corpa-bixa-travesti-por-ayra-dias/> Acesso em: 05 jul 2021

FABIANO, Antonio. Seleção de Poemas de Zila Mamede. 2014. Disponível em: <http://antoniofabiano.blogspot.com/2014/10/selecao-de-poemas-de-zila-mamede.html> Acesso em: 10 jun. 2021

FENSKE, Elfi Kürten. Anilda Leão - a poeta múltipla. **Templo Cultural Delfos**, abril/2016. Disponível em: <http://www.elfikurten.com.br/2016/04/anilda-leao.html> Acesso em: 01 jun. 2021

FERNANDES, Pedro. Antonio Francisco. **Letras em verso e reverso**. 2009. Disponível em: <http://www.blogletras.com/2009/02/escritores-e-escrituras-potiguaras.html> Acesso em: 14 jun. 2021.

FONTES, Ilma. **Nervuras**: poesia em carne viva [recurso eletrônico]. Aracaju: Editora Diário Oficial do Estado de Sergipe, Edise, 2019. Disponível em: <https://segrase.se.gov.br/edise> Acesso em: 07 jun. 2021

FRANCISCO, Antônio. Poeta Antônio Francisco Teixeira de Melo. In **Memórias da Poesia Popular**. 2014. Disponível em: <https://memoriasdapoesiapopular.com.br/tag/antonio-francisco-teixeira-de-melo/> Acesso em: 14 jun. 2021

FRANCISCO, Antônio. A casa que a fome mora. **Cordel Jose Augusto**. 2010. Disponível em: http://cordeljoseaugusto.blogspot.com/2010/02/casa-que-fome-mora_973.html Acesso em:

GALVÃO, Demétrios. 8 poemas de Luiza Cantanhede. **Revista Acrobata**: Literatura, artes visuais e outros desequilíbrios. 2020. Disponível em: <https://revistaacrobata.com.br/demetrios/poesia/8-poemas-de-luiza-cantanhede/> Acesso em: 17 jul. 2021

GONÇALVES DIAS, Antonio. Canção do Tamoio. **Portal Domínio Público**. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bv000115.pdf> Acesso em: 07 jul. 2021

GRAÇA, Aurora. **O tempo guardado das pequenas felicidades**: uma poesia relida e reunida – Memória da Paixão, Nó do brilho, Cavalos dourados. São Luís: 2009.

GULLAR, Ferreira. **A luta corporal**. 5ª ed. Jose Olympio Editora, 2000.

INSTITUTO MOREIRA SALLES. **Rachel de Queiroz**. Disponível em: <https://ims.com.br/titular-colecao/rachel-de-queiroz/> Acesso em: 30 maio 2021

JUNIOR, Gonçalo. O Voo de Patativa do Assaré. **Pesquisa FAPESP**, ed. 158, 2009. Disponível em: <https://revistapesquisa.fapesp.br/o-voe-de-patativa-do-assare/> Acesso em: 30 maio 2021

LEITE, Carlos William. Dez Melhores Poemas de Ferreira Gullar. **Revista Tábula**. Disponível em: <https://www.revistabula.com/12068-os-10-melhores-poemas-de-ferreira-gullar/> Acesso em: 14 jun. 2021

LIMA, Damião De Andrade. **Poemas de Andrade Lima**. Facebook: damiaodeandrade.lima Disponível em: <https://www.facebook.com/damiaodeandrade.lima> Acesso em: 04 maio 2021

LIMA, Eliane. A poesia do irrealizado. **Literatura em Vida 2**. 2011. Disponível em: <http://literaturaemvida2.blogspot.com/2011/07/arriete-vilela-poesia-do-irrealizado.html> LIMEIRA, Dora. Arquitetura de um Abandono. Editora Manufatura, 2003.

LIMA, Jorge. Mulher Proletária. **Escritas**. Disponível em: <https://www.escritas.org/pt/jorge-de-lima> Acesso em: 01 jun. 2021

LOPES, Gilberto. Um soneto de Vinícius Gregório. **Blog cantigas e cantos**. 2016. Disponível em: <http://cantigasecantos.blogspot.com/> Acesso em: 01 jun. 2021

MACHADO, Nauro. Poemas de H. Dobal. **Poesa.net**. 2004. Disponível em: <http://www.algumapoesia.com.br/poesia/poesianet082.htm> Acesso em: 13 jul. 2021

MENDONÇA, Saulo. 5 Haicais. **Mallarmagens Revista de Poesia e Arte Contemporânea**. 2018. Disponível em: <http://www.mallarmagens.com/2018/05/5-haikais-de-saulo-mendonca.html> Acesso em: 04 maio 2021

MENESES, Tania. Fausto de Aguiar Cardoso. **Recanto das Letras**. 2012. Disponível em: <https://www.recantodasletras.com.br/artigos-de-cultura/3568375> Acesso em:

MIRANDA, Antonio. Poemas de H. Dobal. **Poesia de Ibero-America**, 2009. Disponível em: http://www.antoniomiranda.com.br/poesia_brasis/piaui/hdobal.html Acesso em: 13 jun. 2021

MIRANDA, Antonio. Poemas de Abílio Martins. **Poesia de Ibero-America**, 2012. Disponível em: http://www.antoniomiranda.com.br/poesia_brasis/ceara/abilio_martins.html Acesso em: 30 maio 2021

MIRANDA, Antonio. Poemas de Mário Jorge. **Poesia dos Brasis**, 2010. Disponível em: http://www.antoniomiranda.com.br/poesia_brasis/sergipe/mario_jorge.html Acesso em: 05 jun. 2021

MIRANDA, Ana. O cearensês. **O Povo**. Fevereiro de 2016. In Crônicas de Ana Miranda. Disponível em: <http://www.anamirandaliteratura.com.br/cronica.html> Acesso em: 04 maio 2021

MIRANDA, Antonio. Poemas de Jorge de Lima. **Poesia de Ibero-America**, 2018. Disponível em: http://www.antoniomiranda.com.br/iberoamerica/brasil/jorge_de_lima.html Acesso em: 01 jun. 2021

MONTEIRO, DEDÉ. Biografia. **Blog Dedé Monteiro**. 2011. Disponível em: <http://poetadedemonteiro.blogspot.com/p/do-nascimento-aos-quatros-anos-dede.html> Acesso em: 04 maio 2021

MORAIS, Gizelda. Rosa No Tempo. Scortecci Editora, São Paulo, 2003. **Jornal da Poesia**. Disponível em: <http://www.jornaldepoesia.jor.br/gizeldamorais.html> Acesso em:

NERES, José. O incômodo Silêncio. **Academia Maranhense de Letras**. Disponível em: <http://www.academiamaranhense.org.br/jose-neres/> Acesso em: 10 jun. 2021.

OLIVIERI-GODET, Rita. Graça graúna: A poesia como estratégia de sobrevivência. **Interfaces**, v. 17, n. 3, 2017, p. 101-117. <https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/interfaces/article/view/12569> Acesso em: 14 jun. 2021

QUINTAS, Fátima. Bartyra Soares: Uma Voz Catendense Na Literatura Pernambucana. **Blog Recanto Das Letras**. Disponível em: <https://www.recantodasletras.com.br/> Acesso em: 20 maio 2021

QUEIROZ, Rachel de. A menina que vai crescer In **A menina que vai crescer**: as terras ásperas. Rio de Janeiro, Record, 1993.

QUEIROZ, Rachel de. Não aconselho a envelhecer. 1995. **Portal da Crônica Brasileira** <https://cronicabrasileira.org.br/autores/8262/rachel-de-queiroz> Acesso em: 30 maio 2021

QUEIROZ, Rachel de. A velha amiga. **O Estado de São Paulo**. 2001. Disponível em: <http://www.vidaem poesia.com.br/racheldequeiroz.htm> Acesso em: 20 jul. 2021

QUIRINO, Jessier. Quatro Ave Maria Bem Cheia de Graça. **Letras da Web**. 2021. <https://www.lettras.mus.br/jessier-quirino/1719941/> Acesso em: 04 maio 2021

RECANTO DAS LETRAS. **A poesia Matuta de Renato Caldas**. Disponível em: <https://www.recantodasletras.com.br/artigos/2145993> Acesso em: 10 jun. 2021

REIS, Maria Firmino. Cantos à Beira Mar. **Banco Digital de Literatura do Maranhão**. Disponível em: <https://www.literaturamaranhense.ufsc.br/autores/?id=7077> Acesso em: 10 jun. 2021.

REVISTA PROSA VERSO E ARTE. **Poemas de Ledo Ivo**. 2021. Disponível em: <https://www.revistaprosaversoarte.com/ledo-ivo-poemas/> Acesso em: 01 jun. 2021

RIBEIRO, João Ubaldo. A Raiz da Mandioca da Viúva Monção. **Conto Brasileiro**: contos, crônicas e poesia de autores brasileiros. 2013 <https://contobrasileiro.com.br/tag/conto-de-joao-ubaldo-ribeiro/> Acesso em: 15 maio 2021

ROCHA, Shirley Maria. Núbia do Nascimento Marques. **Academia Literária da Vida**. Disponível em: <https://academialiterariadevida.blogspot.com/p/9-nubia-nascimento-marques.html> Acesso em: 31 maio 2021

SÁ, Gildácio. Biografia de Abílio Martins. 2015. **Portal da História do Ceará**. Disponível em: http://portal.ceara.pro.br/index.php?option=com_content&view=article&id=2371:abilio-martins&catid=293&Itemid=101 Acesso em: 29 maio 2021

SEM ETIQUETA. 5 Poemas potiguares que ganharam o mundo. In **Sem assunto**. 2020. Disponível em: <https://www.semassunto.com.br/post/5-poemas-potiguares-que-ganharam-o-mundo> Acesso em: 10 jun 2021

TICIANELLI. O Poeta Moliterno. **História de Alagoas**. 2013. Disponível em: <https://www.historiadealagoas.com.br/o-poeta-moliterno.html> Acesso em: 01 jun. 2021

LETRAS EM VERSO E REVERSO. **Itinerário da Poesia de Zila Mamede**. 2008. Disponível em: <http://www.blogletras.com/2008/08/itinerrios-da-poesia-de-zila-mamede.html> Acesso em: 10 jun. 2021.

AS ORGANIZADORAS

Larissa de Pinho Cavalcanti é professora adjunta da UFRPE-UAST. Doutora e Mestre em Linguística pela UFPE. Atua no ensino de línguas, formação docente e relações de gênero. Integra o Núcleo Integrado de Língua Inglesa, suas Literaturas e Ensino (NILLE/UFRPE-UAST), a Rede Interdisciplinar de Mulheres Acadêmicas do Semiárido (RIMAS) e o DADÁ: Grupo de Estudos, Pesquisa e Extensão em Relações de Gênero, Sexualidade e Saúde (UFRPE/UAST). E-mail para contato larissa.cavalcanti@ufrpe.br

Lidiane Ferraz Alves é discente do curso de graduação em Licenciatura Plena em Letras: Português e Inglês pela UFRPE-UAST. Atua como bolsista no projeto “Um Olhar Interdisciplinar Sobre o Cangaço”. Atuou como bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID/UAST), desenvolve projetos pelo Programa de Iniciação Científica Voluntária (PIC) na área de linguística, análise crítica do discurso e ensino. Participa do Grupo de Estudo e Pesquisa em Linguagem e Educação (Geple) desde 2017 e atua como redatora publicitária em uma agência de comunicação do sertão. E-mail para contato Lidiferrazalves@gmail.com

Maria Elaine Pereira Mourato é discente do curso de graduação em Licenciatura Plena em Letras: Português e Inglês pela UFRPE-UAST. Atua como bolsista no projeto “Um Olhar Interdisciplinar Sobre o Cangaço”. Atuou como bolsista voluntária no Programa Residência Pedagógica (PRP/UFRPE), entre agosto de 2018 a janeiro de 2020. Foi monitora no Programa Novo Mais Educação no Ensino Fundamental II no município de Serra Talhada-PE. Tem orientado sua pesquisa acadêmica através dos pensamentos de Bakhtin e o Círculo. E-mail para contato elaine.pereira12351@gmail.com

Mirian Shirley Gomes da Silva é graduanda no curso de Licenciatura Plena em Letras: Português e Inglês, pela UFRPE-UAST. Atua como bolsista voluntária no projeto “Um Olhar Interdisciplinar Sobre o Cangaço”. Atuou como bolsista no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID/UFRPE), entre agosto de 2018 a janeiro de 2020, desenvolvendo projetos de ensino na área de língua portuguesa. Atualmente é bolsista do Programa de Iniciação Científica do CNPq na área de linguística aplicada e formação de professores. E-mail para contato: miriansherley2016@gmail.com